

Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA PERSONAGEM MAGDA NA OBRA O HOMEM  
DE ALUÍSIO AZEVEDO

(A histeria como tema no romance naturalista]

Tese submetida à Universidade Federal de Santa Catarina  
para obtenção do grau de Mestre em Letras

NATALIA LOBOR CANCELIER

Florianópolis  
Santa Catarina, Brasil  
Junho 1976

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de

nESTRE En LETRAS -

Especialidade Literatura Brasileira e aprovada em sua forma final  
pelo Programa de Pós-Graduação da UFSC.

Celestino Sachet

Prof. Celestino Sachet - Orientador-

---

Prof. Ooloris Ruth Simões de Almeida - Integradora

APRESENTADA PERANTE A BANCA EXAMINADORA COMPOSTA DOS  
PROFESSORES:

Celestino Sachet

Prof. Celestino Sachet

---

Prof. Ecy Damiani Lima Barreto

---

Prof. Elvira dos Santos Sponholz

Ao Rogério, à Ana Carolina,  
à Kristina, ao Ivan,

dedico.

Aos tios,  
Adolfo Medeiros dos Santos e  
Endóchia Harbar dos Santos,  
agradeço.

## RESUMO

Considerando que, no Naturalismo, "a ciência configura-se no determinismo atuante das personagens movidas por forças atávicas ou sociais que lhe fornecem os caminhos comportamentais, engendrou-se esta análise interpretativo-psicológica em O Homem, de Aluísio Azevedo,, para mostrar, também, o valor literário da obra em questão.

O estudo da personagem Magdá. modelando-se na individualização crescente da histeria, como fenômeno psico-fisiológico, declina para a caracterização decrescente de Magdá, como um elemento participante da natureza.

A psicologia, auxiliando a interpretação literária através das teorias do consciente e inconsciente em Freud e Jung, particularizam a importância de O Homem como obra do Naturalismo, analisada em âmbito atual, no tocante à experiência realizada, em literatura, por Zola, na França.

Magdá reflete a classe social dos aristocratas, presa aos ditames sociais, considerados "deveres", cerceando-lhe as vontades inatas. A abordagem arquetípica de Jung reafirma-se no desejo instintivo focado por Freud.

A realidade, detalhada em grandes doses psicológicas, determina a vida como símbolo e reflexo dos problemas sociais; é também impassível. A irrealidade, transparecendo - se no delírio, nas alucinações, no sonho, ostenta a idealização dos problemas reais.

Conclui-se que, além das situações conflitantes em Magdá, denotando um caso psicopatológico, o Naturalismo, em O Homem, é definido nas abordagens fantásticas de Luís, ser supe

rior, consciente dos problemas avassaladores da realidade. A  
Ilha do Segredo, fruto da Imaginação doentia de Magdá, represent  
ta o mundo ideal onde não há dissabores. A natureza vegetal pers  
sonifica-se, denotando participação vital e integração com o mund  
o animal.

## ABSTRACT

As in Naturalism, science configures the performing determinism of the characters moved by atavistic or social forces that shows their behaviours, we interwove this interpretative and psychological analysis on Aluísio Azevedo's - *O Homem* - to also show the literary inerit of this work.

The study of Hagda the main character, is based upon the increasing individualization of the story as a psycho-physiological phenomenon, falls into a decreasing characterization of Hagda, as a sharer element of nature.

Psychology aids literary interpretation through Freud's and Jung's theories about the conscious and the unconscious creates in relief the great value of this work - *O Homem* - as a consequence of naturalism examined nowadays associated with Zola's test of literature that took place in France.

Magdá is a reflex of the wealthy classes, the aristocrat classes, scheduled to society rules and regarded as "duties" and restricting her inherent volitions. Jung's archetypal approach restates on the spontaneous desire made evident by Freud.

Reality so well detailed in big psycho-sociological doses, settles life as a symbol and a reflex of social problems and it is also impassive. Unreality manifesting through reverie, through hallucinations and daydream, shows how social problems can be idealized.

So we can get to this conclusion besides Magda's conflicting conditions expressing a psychopathological state of mind in - *O Homem* - Naturalism is defined in this phantasmagoric

word of Louis - a superior man - conscious of the desmolting  
problems of reality. The - Ilha do Segredo - real only in Nagda's  
morbid mind, represents the unreal world where there are no  
distates. Mother nature is personified by a vital participation  
and integration with the animal world.



## sunARio

Página

INTRODUÇÃO .....	1
Referência Bibliográficas .....	13

### PRIMEIRA PARTE:

1. Pressupostos teóricos em Flaubert, Zola, Eça e Aluísio Azevedo .....	15
1.1. Flaubert .....	16
1.2. Zola .....	19
1.3. Eça .....	22
1.4. Aluísio Azevedo .....	24
Referência Bibliográficas .....	31

### SEGUNDA PARTE:

1. Metodologia .....	34
----------------------	----

### TERCEIRA PARTE:

1. Alguns aspectos da histeria .....	36
1.1. Sintomas histéricos .....	42
Referência Bibliográficas .....	48

2. Idéias que geram o movimento realista - naturalista e interferem em Aluísio Azevedo .....	49
--	----

Referências Bibliográficas .....	53
----------------------------------	----

3. <u>D Homem</u> - Exemplo brasileiro de romance experimental..	54
--	----

3.1. <u>O Homem</u> : uma obra de arte naturalista .....	57
--	----

Referências Bibliográficas .....	65.....
----------------------------------	---------

### QUARTA PARTE;

1. Magdá: personagem e histeria .....	67
---------------------------------------	----

Referências Bibliográficas .....	82
----------------------------------	----

2. A personagem histórica enfocada literariamente .....	85
2.1. Magdá: personagem modelada .....	86
2.2. Abordagem psicológica de alguns episódios em <u>O Homem</u> , esclarecendo-os numa análise psicológico-literária .... ga	
2.2.1. □ inconsciente, não reprimido, e-m Magdá .....	9.9
2.2.2. Alguns arquétipos em <u>O Homem</u> .....	103
2.3. A linguagem associando o homem ao animal, ambos pertencentes ao mundo natural .....	107
Notas e Referências Bibliográficas .....	111
CONCLUSAO .....	116
REFERÊNCIAS BIBLIÜGRAFICAS .....	120

## INTRODUÇÃO

### Algumas reflexões filosóficas-científicas sobre o naturalismo.

Um mundo novo começa a despontar no início do século XIX .

Rememorando, tem-se, como fator indispensável, a ciência, norteando leis desde a das estrelas, ditada pelos antigos, até a demonstração da transformabilidade e equivalência da força com conservação da energia, nos mais modernos. Acima destas, estava o crescimento da biologia e a célebre doutrina da evolução que vinha dominando a ciência. Darwin, Lamark e Erasmus Jpnçam a teoria evolutiva, abrangendo todas as formas vivas, desde as mais simples até as de maior complexidade. Darwin, em 1859, publica a Teoria da Evolução, focalizando a espécie humana e todos os seres vivos como frutos de um longo e gradativo processo de transformação. Esta teoria otimista não só afetou a biologia mas também toda a perspectiva de vida do homem moderno. Ele sustenta a evolução como sendo a consequência de um processo adaptativo dos organismos nos seus diferentes ambientes. Nesta luta, sobrevive o mais apto, isto é, os mais bem dotados conseguem transmitir sua herança e mantêm vivos os caracteres da sua raça. Portanto, "o destino de cada pessoa, de acordo com esta teoria, está em grande parte fixado pelos Dados do Destino, ocultos no seu patrimônio hereditário". (1)

E a ciência prossegue, norteando leis porque as ciên

cias exatas dominam as não exatas não foi delas que surgiram Descartes, Hobbes, Spinoza, Leibnitz e Pascal, dominando a filosofia a psicologia impregna-se na filosofia de Berkeley, Hume, Condillac, Kant e, posteriormente, na de Schelling, Schopenhauer, Spencer, Bergson, para fundamentar os estudos da biologia na filosofia do pensamento filosófico.

□ e tudo sempre sobrevive algo e é por esta razão que muitas idéias e múltiplas teorias são produtos, parciais de homens isolados que transparecem da obscuridade através daqueles que melhor e mais adequadamente podem organizá-las e elucidá-las. Não pode haver, no mundo, idéias isoladas, mas deve haver um conjunto delas que retratem uma tomada de posição frente aos fenômenos ocorrenciais do pensamento humano, num determinado momento da história mundial. Eis porque alguns homens somente transmitem pensamentos, outros seguem, já que todos possuem capacidade de exteriorizar idéias que possam repercutir numa mudança histórico-social.

□ positivismo de Augusto Comte, a medicina experimental de Claude Bernard, a sociologia de Taine influenciaram na tomada de posição da ciência que repercutiu grandemente na história desta fase de renovação cultural. As artes e as ciências, pela ciência, para uma abertura temática e estrutural, assim como as preocupações do literato se avolumam no campo social e nele encontram ambiente para transmitir, em doses incomuns, uma realidade visível mas alheada, talvez pelos demais participantes desta mesma ambiência social.

Os casos que são analisados pelo Sociólogo refletem a desordenação na sociedade e a despreocupação pela patologia nela existente. Há também uma inconsciência do homem pelos erros come

tidos em prejuízo do seu próximo. A crítica social existe, Vêmos encontrá-la nas entrelinhas, a maneira de Eça de Queirós ou ao estilo de Flaubert na sua "seriedade objetiva". A influência de Zola no romance O Homem, de Aluísio Azevedo - escolhido para análise deste trabalho - denota a preocupação com o patológico social, conforme o mestre francês quis divulgar nas suas obras literárias naturalistas.

Augusto Comte deduziu, no campo, do pensamento, a lei dos Três Estados: teológico, metafísico e positivo. A matéria explicada por divindades aplica-se o primeiro Estado. No segundo a matéria é esclarecida pela abstração metafísica. No estágio positivista a ciência baseia-se na observação, hipótese e experimentação e os fenômenos são explicados de acordo com as causas e efeitos naturais. Comte conclui que:

"A vontade de Deus cede lugar a entidades como a Idéia de Platão ou a Idéia Absoluta de Hegel e estas por seu turno cedem lugar às leis da ciência". (2]

Esta é a influência mais poderosa que se exerceu sobre o conhecimento humano: o positivismo de Comte. A ciência tomou novo rumo. As artes revolucionam-se. O Naturalismo, - com sentido amplamente generalizado, fundamentar-se-á em bases objetivas, captadas pela observação e experimentação científicas. O Naturalismo exclui todo o espiritualismo e atém-se à matéria que é independente da consciência. A vida humana possui verdades que permanecem latentes, por muitas razões. O escritor não está preocupado com os porquês, mas com as ocorrências que devem ser trazidas à tona e, desta maneira; observa os fatos tão atentamente, a ponto de informar, nos detalhes, qualquer fenômeno na

tural a que se dispôs expressar. Ele participa da criação de um mundo em transe porque observa, dando testemunho do relacionamento humano. [3]

Claude Bernard, cientista desta fase histórica, propôs um método Científico que vinha resolver a problemática dos resultados no campo biológico. Não só a vida interessa, mas também suas etapas de corrupção ou de normalidade efetiva. Seu método atinha-se à observação da fisiologia animal com a permanente atenção do pesquisador. Torna-se importante relacionar, portanto, suas idéias científicas com as artísticas deste momento de grande renovação.

O método experimental baseia-se na natureza dos dados relacionados aos fins que têm em vista. Há, neste método, duas etapas fundamentais: a da observação e a da experimentação. A observação requer atenção, paciência, penetração, conhecimento do fato a ser observado, além de controle pessoal. A experimentação possui características básicas, tais como: ser uma produção provocada ou artificial e ser uma modificação pretendida ou procurada.

As duas etapas do método experimental de Claude Bernard auxiliam-se para a conclusão do cientista pois que, sem isso, a ciência não sobreviveria, atualizando-se e descobrindo novos caminhos em benefício do homem. A ciência não será considerada, como um catálogo de fatos comprovados, mas uma relação de hipóteses que, quando comprovadas e compreendidas, tornam-se leis diretoras de um fenômeno.

Não há, rigorosamente, uma preparação linear entre a observação comum e a experimentação, como também não existe obrigatoriedade de experimentação se, o investigador, só obser

var, fazer variar as condições do ambiente ou da situação em que se encontre o indivíduo a ser observado, para visualizar uma ocorrência. Existirá, nesta observação, uma experiência que, certamente, foi o ponto tomado pelo Naturalismo, para proporcionar em arte uma visão científica, não totalmente, de fenômenos e fatos decorrentes da observação feita pelo homem que será artista quando desenvolver o assunto, procurando auferir em seu trabalho um método científico aliado ao poder' criativo.

A fisiologia vai representar fator de grande importância no Naturalismo, já que escritores utilizaram-se dela para posteriormente relatar, com maior veracidade, os fenômenos decorrentes da funcionalidade orgânica do homem.

Sabe-se que as mais notáveis propriedades de um organismo vital, quando comparadas com organismos vitais inanimados, grupam-se em três: nutrição, crescimento e predestinação. As duas primeiras relacionam-se pela alimentação. A última, liga-se às outras duas e abrange a reprodução, a hereditariedade e ainda participa nos reparos contra o desgaste e ferimentos ou cortes. [4] São conhecimentos com os quais o naturalista vai tomar contato para, de maneira mais real, cumprir sua missão reformadora. Exporá os fatos desta maneira, utilizando-se das inovações científicas e da filosofia positivista.

Há um conflito entre o real, que se apresenta, e a realidade, que se esconde; um, por denotar a vida idealizada de alguns membros da sociedade, outro, por deixar invisível um "real" que a contragosto existe. Este conflito é demonstrado nas obras realistas, principalmente no Naturalismo, onde o escritor procura fazer sentir, através de uma significação protestária, as injustiças, as misérias, os estados patológicos.

o cientificismo, desta maneira, alia-se ao espírito criador do artista para determinar, com eficácia e objetividade, os problemas que abalam a sociedade.

Taine adere às filosofias positivistas e ao determinismo de Claude Bernard. Surge a crítica socialista, importante ao desenvolvimento da literatura. Há, para Taine, três fatores que determinam a natureza da obra literária: a raça, o meio e o momento. Para ele, a realidade psicológica, estética e histórica podem ser expressas em fórmulas, perfeitamente calculáveis. Taine impregnou-se, um pouco, do pessimismo de Balzac, além de seguir a trilha no problema social. Claude Bernard encontra relacionamento "entre o funcionamento fisiológico glandular e o comportamento psicológico do Homem" (5). O behaviorismo parte de reflexos e processo de condicionamento, onde os conflitos representam conflitos entre hábitos ou entre um hábito e um reflexo. O reflexo corresponde, para Freud, aos desejos (B).

Desta forma Taine penetra na essência do comportamento humano, numa sociedade, raça e momento que lhe são predestinados. - A luta deste grande crítico francês, ao lado de suas idéias consideradas revolucionárias, ataca também no seu ponto de vista, não aceito por muitos outros críticos. Taine não crê no resultado que possa advir com a educação e nem tão pouco na capacidade do homem em vencer totalmente o ambiente. É o fatalismo em Taine, em Flaubert, em Zola que se avoluma e se interpenetra; num o determinismo mesológico, noutro o moralismo social (7) .

As coordenadas científicas e filosóficas denotam que o Naturalismo preocupou-se, essencialmente, com o homem: seu organismo, sua personalidade, sua raça, seu comportamento so



clal e mental, sua educação e, enfim, seus conflitos dentro da natureza. O homem ligado a sua predestinação. A ciência determinando sua vida futura e a filosofia ensinando-o a viver objetivamente, vendo os problemas da sociedade e conhecendo melhor a sua pessoa.

A luta pela vida, propalada por Darwin, é, no faturismo, ponto discutido sob todos os aspectos, é polêmico e, por vezes, combativo mas nunca totalmente fantasioso. Relata a verdade baseando-se no ambiente objetivo; busca todas as formas de sobrevivência e encontra nas classes populares a que maior problemática vem denotando; é influenciado pelo positivismo; apresenta o homem com seus conflitos sociais; revela o comportamento humano nas mais variadas situações; deixa transparecer que a vontade (0] é mais forte que o intelecto, por isso o instinto prevalece sobre o raciocínio lógico; encontra na fisiologia a causa do comportamento humano, determinado pelas funções das glândulas; demonstra que o fatalismo não pode ser vencido, eis porque no Naturalismo o homem nunca encontra solução para os seus embates com a sobrevivência; objetiva suas narrações de modo a chamar atenção sobre determinados pontos, denotando, portanto, espírito reformador.

O critério que o Naturalismo utilizou para focalizar os problemas sociais indica a sua preocupação com a filosofia, psicologia, sociologia, medicina e, sobretudo, um conhecimento de grande vulto sobre personagens originados de um ambiente social degradante.

Um dos fatores da patologia social indica que o homem, por viver socialmente, está preso ao ambiente que a natureza lhe determinou e, por isso, há homens que sobrevivem em ambi

ente normal e outros que se adaptam a ambiente degradante. □ fator social mostra que o homem sem cultura, pela convivência e contato diário, deixa-se levar por caminhos perigosos sem confiar do mal que lhe causam e que ele produz a a-lguém. A criminalidade, a prostituição, o alcoolismo,, e o ambiente deletério de trabalho (fábricas, usinas, minas, portos) são fatores que a Medicina Social e a Higiene Social procuram resolver mediante observação e controle em defesa sanitária do indivíduo e da coletividade (9).

O Naturalismo prefere dar, em obras literárias, um interesse amplo pelo homem desprezado, incompreendido, o doente mental ou orgânico. Isto não deve ser tomado como desprezo aos "bem dotados", mas apenas a conscientização que o escritor quer dar aos problemas sociais que estão esquecidos ou que poucos se detêm em observar.

Se os fatos existem na sociedade e o homem não os conhece, o escritor naturalista resolveu pô-lo a par de todas as ocorrências, utilizando o método científico. Como, em ciência, tudo é natural porque reflete a objetivação de uma realidade, o Naturalismo não o fez de maneira diversa.

A sociedade não estava preparada para receber, como obra artística, uma narrativa embebida de conceitos científicos, ainda inaceitáveis, como o determinismo de Comte, Taine e Claude Bernard, referente à direção que estava tomando a vida humana e suas complicadas teorias do Evolucionismo. Certamente a sociedade estava arraigada aos preceitos do Romantismo e aos romances onde o herói representa as realizações subjetivas do leitor sentimental. O Naturalismo seguiu a trilha feita pelo Realismo, em literatura, diferindo na apresentação de seus per

sonagens como também no fato que os envolve. O autor naturalista dá preferência ao indivíduo pertencente à baixa classe social, portador de patologias físicas e morais, o naturalista, por sua vez, não interpreta a vida contemporânea, mas a observa, sem tecer comentários ou aludir críticas diretamente. O Naturalismo, em literatura, não pode ser considerado como, simplesmente, o Realismo fortalecido por um cunho científico, aliado à visão material do mundo; antes deve ser reconhecido como uma atitude representativa da vida na diversidade da sua ocorrência cotidiana. É ele que foi além: buscou a vida diária em tipos incomuns de personagens para, além de focar o ponto marcado, trazer uma vivência sob os aspectos da problemática humana (social, política, econômica e psicológica). No entanto, como o artista não pretende esgotar a realidade a ser observada, ele cumpre as exigências estéticas em teor suficiente para ser considerado um processo artístico, onde o homem é expresso como uma forma de presença na ambiência terrena. No Naturalismo concentram-se forças científicas e filosóficas que corroboram para uma tomada de atitude, em parte, diversa do Realismo. Neste, o fato em si, é apresentado; naquele, um teor acusatório segue a observação com medida do escritor-artista; em ambos, uma visão artística do homem frente aos problemas que o tornam "assim terreno" e, portanto, cheio de irregularidades que se avolumam na proporção em que se questionam suas causas. A realidade do Naturalismo não representa a visão ideal mas aquela que vislumbra o "lado oculto" do mundo material e do comportamento humano ao alcance do cientifismo porque não há um espaço somente reservado ao artista, por quanto o homem representa a peça fundamental desta realidade a qual o artista perscruta e deixa transparecer. Ela choca? Fere?

Traz as degradações que não deveriam aparecer? O homem não está habituado a observar a imagem desumana de seus libelos, razão porque desfere luta ardente aos fatos que representam um aspecto da exteriorização da vida.

A obra naturalista não poderia deixar de provocar, no leitor, certas indagações, tanto mais numerosas quanto maiores as complexidades transmitidas através da estrutura narrativa. Os questionamentos surgirão e por uma razão bastante lógica, visto que o século XIX renovou-se cientificamente, bastando este fato para que se tenha em mente que tipo de leitor está sequiso por obter respostas às perguntas formuladas após leitura de uma obra referente ao Naturalismo. Não é simples ultrapassar o Romantismo, sem encontrar a barreira filosófica de Comte, no seu positivismo, o evolucionismo de Darwin, o determinismo de Taine, a fisiologia de Claude Bernard, além das novas descobertas psicológicas a reger o pensamento científico desta época histórica. Dentre todas as barreiras, a fisiologia representa a maior e melhor descoberta do campo médico que se insere nas decisões artísticas, outrora não alertadas.

O Realismo preparou terreno para o Naturalismo no que tange ao cientificismo, objetividade e, finalmente, ao efeito abundante em detalhes específicos, todos imprescindíveis para a boa visão do observador atento aos problemas da sua sociedade, o espaço divisório não existiu totalmente pois o Realismo e o Naturalismo corroboram, na sua proximidade ilusória, para uma vital tomada de consciência do artista frente aos desajustes do homem na sua ambiência. Eis que, o Naturalismo desponta. E arte, semelhante ao Realismo ou independe do real apresentado pelo mundo da objetividade? Will Durant, na sua História da Filoso

fia esclarece a arte:

"O retrato dum homem deve visar não a fidelidade fotográfica, mas a expressão dalguma qualidade universal ou essencial do homem". (10]

É certo que a preocupação fundamental do naturalista reside no homem. Este precisa ser conhecido como um elemento da natureza, semelhante a qualquer ser vivo da realidade terrena. O artista não poupa esforço em analisá-lo, compará-lo junto aos outros animais que vivem na mesma ambiência ou ao lado de seres humanos de classe social diferente, filosofia, educação e moral em choque constante. Os fatos apresentados denotam uma verdade porque o observador conscentiza-se da importância da participação integral do homem em si mesmo. Este, qualquer que seja sua índole, raça, classe social, filosofia de vida e mesmo o aspecto cultural, merece a atenção da ciência e das artes, quando o objetivo último é o conhecimento humano na diversidade do ambiente social. A observação existe na ciência e também na literatura, já que a matéria-prima do escritor são os fatos e fenômenos que ocorrem dentro de uma época e que refletem a realidade objetiva de seus componentes, embora, sutilmente, da realidade intrínseca. Não há necessidade que o escritor demonstre seu pensamento em aberto, contudo, observa e transmite uma realidade que o leitor capta através da obra. É, em última análise, o reflexo da impressão causada por uma verdade física exterior ao artista. Seria, à maneira de Willian James, (10), uma visão realista na qual um espelho perceptor e refletor relaciona simultaneamente todos os fatos que merecem atenção, seja baseando-se na psicologia, fisiologia ou ecologia.

Não há, deve-se entender, uma obra de arte, no Naturalismo, desapegada do natural, como fato característico desta fase literária. Sua razão vital reside na abordagem dos seres vivos pertencendo ao âmbito de leis que os determinam ou que os aniquilam. Pode-se, com isto, compreender o cosmos, baseando-se em fatos reais apresentados de maneira hedionda, quando se torna necessário, ou de um modo natural, se preciso for.

Há, concluindo, uma preocupação do es'critor em relatar a vida de, homens que se manifesta através de conflitos microcósmicos, dependente de uma época, de uma raça e do meio a que estão ligados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - DUN e OOBZHANSKY - Herança, Raça e Sociedade. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1962. p.10, 169 pp,
- 2 - DURANT, Will - História da Filosofia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956. 2 v. p.90, 237 pp.
- 3 - GARAUDY, R - D'um Realisme sans Rivages. Paris. 1964. p. 241-245 .
- 4 - RUSSEL, Bertrand - A Perspectiva Científica. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, 19 v, p,151-157.
- 5 - COELHO, Nelly Novaes - Literatura e Linguagem. Rio, Livraria José Olympio Editora, 1974. p. 181, 182,
- 6 - idem 5, p. 159-169,
- 7 - CARPEAUX, Otto Maria - História da Literatura Ocidental. Rio de Janeiro. Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1963. 5 v. p.236 1-2366'!
- 8 - DURANT, Will - História da Filosofia, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, 2 v, p. 60-68,
- 9 - PIMENTA, Joaquim - Medicina Social (Patologia Social), in Enciclopédia de Cultura. São Paulo. Livraria Freitas Bastos. 1ª edição. 1955. p. 229-231,
- 10- idem 9. p. 78.
- 10- idem 9. p. 217.

PRIMEIRA PARTE



1. Pressupostos teóricos em Flaubert, Zola, Eça e Aluísio Azevedo.

Este capítulo trará o Realismo e Naturalismo nos seus autores representativos, a fim de, localizar, de alguma maneira, as influências temáticas em Alísio Azevedo.

□ O romance realista é combativo, é arma de ação refojadora da sociedade decante do século XIX. O Realismo transborda através das idéias filosóficas, transmitindo o social, mas utiliza a seleção para isso. O Naturalismo liberta-se da mística e transmite uma realidade verdadeira, desmistificada da ligação romântica que ainda pairava no Realismo.

Se, no Romantismo, o herói retesa os músculos, empalidece de raiva e a heróina acomete-se de laivos de pudor, denotando, desta forma, emoções íntimas transmitidas por gestos e reflexos. O Realismo rege o estilo pictórico na manifestação das ações praticadas ou recebidas pela personagem - são dominadas pelos nervos e pelo sangue, conforme Emile Zola, e não condizem as suas vidas pela vontade, mas através do fatalismo imposto pelo poder fisiológico e movido por forças atávicas ou sociais que determinam o comportamento. A personagem, assim caracterizada, se intercala na realidade e ela é o resultado e causa dos fatores desta mesma realidade.

Há, nestes pressupostos teóricos, um esclarecimento de como, onde e porque o Naturalismo brasileiro se insere na problemática conflitante do homem, tendo por base as tendências científicas e filosóficas com as quais se deparou o Naturalismo europeu.

Resta esclarecer, ainda, que no Brasil a situação econômico-social foi bem diferente da européia: nisto e em outros pontos configura-se o Naturalismo que pretendeu, através do enfoque realista dos pontos negativos da sociedade, criticar, no entanto resultou numa amostragem científica dos fatos da época.

### 1.1, Flaubert

Em 1821 Gustave Flaubert nasceu. Em 1637 redigiu Raixão e Virtude que, na sua imaturidade artística, deixa transparecer todas as características do Flaubert das grandes criações. A heroína Mazza possui os traços fisionômicos de Emma. Os detalhes minuciosos da paisagem e ambiente que reaparecerão em Madame Bovary estão presentes em Paixão e Virtude.

Flaubert cuidou, sempre mais, da literatura que de seus amores e da saúde. Detinha-se em anotações e procurava, com esta atitude, a preservação de fatos que havia observado para posterior utilização em obras literárias. Efetivamente, sempre procurou esmiuçar a realidade, de maneira muito objetiva, como um cientista. Quando terminou Madame Bovary, ele mesmo se surpreendeu com o Realismo da cena do envenenamento e declarou:

"Quando escrevi a cena do envenenamento, senti na boca o gosto do arsênico, senti-me envenenado. Tanto que tive duas indigestões - duas indigestões reais... [11]"

O ano de 1848 é o da revolução que derruba o Rei Luiz Filipe. Flaubert registra os fatos que testemunhou sobre, os episódios políticos e deles se utilizará nas suas obras. Assistiu impassível às ocorrências políticas, como se temesse a sua intromissão nas decisões.

Em 1856 Madame Bovary começa a ser impressa no Revue de Paris. Muitos trechos foram cortados, mas, apesar disso, alguns meses mais tarde a censura suspendeu a publicação e resolveu processar Flaubert porque Madame Bovary foi considerada obra imoral. Na realidade, este romance 'atacava a moral burguesa, colocando objetivamente a vida monótona das mocinhas da província. Flaubert retratou, de modo real, a conduta, o convencionalismo e a falsidade do burguês; nisto é que foi mais cruel que no relato do adultério de Emma.

As camadas mais baixas do povo aparecem nos criados ou nas figuras subalternas. Não há a preocupação de Flaubert, nem de outros grandes romancistas desta época, em apresentar indivíduos da camada social inferior. Quando há necessidade de descrevê-los, isto é realizado 'com insensibilidade, como se estivesse tudo normal, por isso o desinteresse. Por outro lado, os pontos a serem enfocados não abrangiam o povo comum, mas a classe sociai da qual eles dependiam e não havia denúncia da estrutura social. Auerbach, em Mimesis mostra que, tanto Flaubert como os 'Concourt', por estarem, de alguma maneira, ligados à sociedade burguesa (pela estirpe e formação) gozavam de segurança econômica. Era um dilema entre a repulsa instintiva e o envolvimento , que não concluía numa inovação temática mas sim em uma sutil semente que outros escritores menos engajados conseguiram, posteriormente, fazer germinar. Era uma ideologia estética da captação da realidade para fins literários, pois os escritores asumiam pouca ou nenhuma posição frente à visível problemática Ndo tempo em que viviam. (12)

Segundo Auerbach, a arte em Flaubert repousa na veracidade da linguagem quando "empregada com responsabilidade, ho

nestidade e esmero". Ele acredita que a realidade dos acontecimentos tem poderes de se desvendar quando na expressão lingüística. A correspondência do autor de Madame Bovary trouxe muito esclarecimento sobre suas reais intenções artísticas. A sua teoria é, de alguma maneira, mística, entretanto, repousa sobre a razão, a experiência e a disciplina. Ele não expressa o seu julgamento sobre os personagens e os acontecimentos e nem deixa transparecer a opinião do interlocutor, porque Flaubert acredita que, se os acontecimentos forem traduzidos limpa e integralmente, eles podem, por si só, interpretar-se inteiramente e aos personagens que deles participem.

□ não engajamento objetivo de Flaubert não o deixa alheio aos problemas do seu tempo porquanto vê a anarquia interna e o começo da massificação, mas não encontra solução pois o "seu fanático misticismo artístico é quase uma religião sucedânea, à qual se aferra convulsivamente, e a sua honestidade, por outro lado torna-se, muito freqüentemente, resmungona, mesquinha, colérica e nervosa".

Emma é personagem que não se adapta nem ao cômico, nem ao trágico, nem ao comovente ou ao satírico, pois ela é sempre posta à prova, julgada e condenada. Flaubert deixa que os fatos ocorram sem, de maneira alguma, fornecer um término que evidencie qualquer espécie de "psicologia da compreensão". Há "seriedade objetiva" na expressão dos fatos e, "em todo caso, atinge-se, também, através disto uma intenção pedagógica e crítica de seu tempo. Não se deve ter receio de exprimir isto assim, por mais que Flaubert faça questão de ser artista e nada mais que artista".

Desta maneira, utilizando o "nível estilístico" com seriedade objetiva, Flaubert consegue escapar do romantismo e vive em suas obras algo de positivismo no seu critério artístico, se bem que nunca tenha denunciado tal tendência. (13].

Numa de suas declarações, denota dois escritores, um diverso do outro :

"Existem em mim dois Romeus diferentes., Um deles ama.-o barulho, o lirismo, os grandes vôos de águia, todas as retumbâncias do fraseado e todas as culminâncias das idéias. O outro investiga e perscruta a realidade o mais profundamente que pode, compra-se em trazer a público os pequenos como os grandes fatos e gostaria que seus leitores sentissem quase que materialmente as coisas que, ele produz. Este último gosta de rir e sente prazer no animalismo da humanidade". (14]

Atto Maria Carpeaux (15] assegura que Flaubert "tinha conquistado a liberdade de apresentar a corrupção documentada" e considera-o o primeiro naturalista que é seguido, pelos irmãos Concourt e por Zola.

## 1.2. Z O L A

Émile Zola nasceu em 1840. Perdeu o pai aos sete anos. Sua mãe procurou educá-lo até onde suas possibilidades pudessem. Uma das frases de Zola denota, neste escritor a força de vontade: "Ser sempre desconhecido é chegar a duvidar de si; nada engrandece os pensamentos de um autor como o sucesso".

Em 1862 começou a trabalhar na Editora Hachette onde, de imediato, tornou-se chefe de publicidade e escrevia, sem

pre, poesias, contos e artigos para o jornal. No entanto, snfas-  
 tiou-se da vida sedentária em seu trabalho. Reiiolveu viver da  
 literatura. Começou a ter interesse por Balzac, Stendhal, Flauu  
 bert. Leu as Teorias do Evolucionismo e, a Filosofia da Arte de  
 Taine. Inclinou-se para o lado da ^ experimentação ao tomar conhê  
 cimento do trabalho de Claude Bernard. ũ que o ^celebre fisiolô  
 gista fizera com o corpo humano, Zola tentaria com as paixões  
 das personagens e a sociedade.

Zola não encontrou boa acolhida, nem junto aos crít  
 cos, nem ao lado do povo, e muito menos dos moralistas. Suas  
 obras seguiarn as idéias de Claude Bernard, a respeito da experi  
 mentação, mas ele não se ateve às diferenças que o fisiologista  
 estabelecera entre os escritos de caráter científico e os da  
 imaginação, razão porque ,muitas vezes era tachado como um sim  
 pies revolucionário e não um literato preocupado com os proble  
 mas sociais. Ele respondeu aos ataques, semeou idéias de seus  
 novos livros e conseguiu, afinal, o sucesso que tanto pretende  
 ra. [ 1 6 ]

Suas obras refletem pessimismo semelhante ao de Flauu  
 bert, s5 que 'Zola desnudou a sociedade pervertida, trazendo os  
 mais sérios problemas, jamais observados em literatura com a  
 veemência e audácia de quem queria desmesurar um fato que ocor  
 re na vida diária e que pouco ou nada atinge aos imunizados de ^  
 ta mesma comunidade: o alcoolismo, o adultério, a violência dos  
 homens destruind o-se, o operário, os camponeses, as doenças re  
 sultantes da mineração, a vida no cortiço, os botequins, a vida  
 miserável dos homens com falta de dinheiro, a promiscuidade da  
 vida em família onde o espaço físico é degradante...Isto e ou  
 tros tantos fatos sintetizam o tema das obras de Zola, todos com  
 provados pela observação dele já que era visto a tomar notas em

seu caderninho em todos os locais onde a degradação social predominava à vida sadia (17).

Zola, apesar de descrever temas violentos, podia realizar uma obra de assunto mais ameno, como em □ Sonho [18].

Émile Zola, antes de escrever sobre determinado assunto, procurava ler tudo que existia sobre a questão e depois Saía para as ruas e detinha-se em grandes interrogatórios, procurando a verdade naqueles que tinham a realidade cotidiana. Por isso ele insiste em dizer que suas obras são destituídas de qualquer preconceito e trazem a exatidão dos fatos que a literatura procurou, até então, esconder sob um manto de tule.

Ele mesmo esclareceu a diferença que existia entre Madame Bovary e seus trabalhos:

"Flaubert só escrevia as coisas de acordo com as notas cuja exatidão já havia verificado pessoalmente." [19]

nas Flaubert não se detinha em pesquisas como Zola. Este apreendia todos os fatos e fenômenos para depois exemplificá-los na vivência real deles. Só depois disso comprazia-se em esboçar o enredo de suas obras naturalistas.

Otto Maria Carpeaux apresenta uma face diferente da corrupção moral, que é uma questão social independente dos níveis de educação, de credos e do indivíduo porque "são meros benefícios das convenções e instintos,- a corrupção é fruto de todos os ambientes sociais, diferindo só pelos pretextos morais e pelas expressões lingüísticas", por isso a fidelidade que deve existir na documentação dos fatos observados, além da veracidade do meio social a ser caracterizado. [20]

Os indivíduos em Zola não são abstratos, como em Balzac, mas exemplificações de conceitos abstratos porque o mundo

de Zola não é estático. A idéia de movimentação vem do Evolucionismo, do Darwinismo, da hereditariedade. Estabeleceu uma relação dinâmica entre os romances do seu ciclo, fazendo voltar os personagens, não para representarem somente classes sociais, Como Balzac mas para continuar a sua ação de objetivismo realista pelo desastre político na França: "a decomposição moral da França, seguida pela decomposição política e militar". Nisto está seu determinismo e pessimismo pungente. (21)

### 1.3. EÇA DE QUEIROS

Nasceu em 1845. Não conheceu a mãe. Estudou longe do pai. Era uma figura solitária.

Quanto ao Naturalismo, não se ateve aos abusos do cientificismo na literatura. Somente "a influência do meio" foi fator que não retraiu de suas obras literárias.

Gostava de exprimir artisticamente a vida e sabia fazê-lo de maneira esplendorosa, utilizando-se de termos perfeitos na descrição de costumes, paisagens, figuras humanas. Eça baseava-se em algo concreto para criar seus romances e denotava uma realidade viva e exata. Construía romances sobre acontecimentos reais: nisto o método documental dos naturalistas que o precederam. (22)

Eça de Queirós tinha, em Flaubert, um dos maiores escritores da literatura francesa. Deixava transparecer a influência do seu meio nas suas obras literárias. Pouco há de Madame Bovary em D Crime do Padre Amaro mas muito do escritor francês em G Primo Basílio. Eça, no entanto, não nega sua admiração por Flaubert.



Considera-se este escritor mais como um satírico que um irônico. Quando participou, com Ramalho Ortigão, de As Farpas agiu com ironia, denotando grande conhecimento dos delitos praticados pelos atacados. Sua perícia em ferir, sorrindo, era uma das muitas características do escritor preocupado com a moral portuguesa, principalmente com referência à educação. Assim como em As Farpas, ao lado de Ramalho Ortigão, Eça denota um ar revolucionário e moralizante, tornando-se original em O Primo Basílio. Percebe-se nele uma impaciente vontade de agredir a sensibilidade puritana do burguês. Insulta, utilizando o seu método polido de escrever. Ele ataca a família lisboeta e apresenta a sociedade como ela aparece aos seus olhos: a senhora sentimental, pouco educada, sem um ideal maior que o casamento e os amores que tem em mente, após as leituras dos grandes românticos. Falta-lhe exercício e disciplina moral. (23)

Eça mostra nos seus romances a figura do "dandi" que deixa impressionadas as mocinhas que se enfastiam da vida vazia que levam depois de casadas. É um realismo, à sua maneira, aquele em que se fotografa, caricaturalmente, a presença do "mau" na sociedade portuguesa. A intenção do movimento não é o estudo objetivo da realidade mas sim desprezar o mau, utilizando a sátira mordaz, ferina, penetrante, tal qual uma farpa, que se insere no tecido epitelial. Desta maneira estará preparando a queda dos ideais antigos, plenos de injustiças, erros capitais que causam desordem social e, principalmente, moral. (24)

Nas obras capitais de Eça há a "volúpia trágica dos amores proibidos". (25) O tema do adultério ligado à força expressiva controlada, maleável e polida faz com que muitas das obras literárias de Eça tenham pleno sucesso entre os leitores.

O incesto também apresenta-se no rui Lemático de seus romances. Em Os raias há o amor sensual e impossível, o lado psicológico referente aos personagens e a crítica de costumes além do ousado e escandaloso tema que apresenta logo no início.

Eça de Queirós nunca deixou de transparecer o lirismo, os toques de fantasia e a eloquência, fatos que o deixam afastado do real Naturalismo embora o tenham cognominado, por algum tempo, de "Zola Português".

Os seus temas são exteriorizados ou pelo exagero ou pelas deformações e, por isso, é denominado como um escritor caricaturesco. O uso abundante do adjetivo favorece mais ainda este lado cômico ou trágico da realidade, já que denota uma sugestão, depreciação ou uma simples descrição. (26)

#### 1.4. ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Azevedo, em O Homem apresenta influência predominante de Zola, já que o romance é experimental, no fenômeno involuntário da psicopatologia. O problema da histeria foi seriamente estudado por Charcot (27) mas, atualmente, novas informações surgiram a fim de aprimorar a análise psicopatológica do homem.

A "seriedade objetiva" enquadrando-se num nível linguístico na interpretação das entrelinhas do romance foi influência de Flaubert para Aluísio.

Eça de Queirós deve ter transmitido o lado estrutural da língua bem talhada e do estilo satírico ao autor de O Homem.

Não se pode aventurar em declarar a existência de pessimismo nas obras de Aluísio Azevedo, porque há um envolvimento de "torcer" pelo protagonista por parte do autor. É a tal "chei-

os de vida" que Carpeaux endereça ao maior naturalista brasileiro. (28) A ambiência dos episódios dos romances em A.A. deixam transparecer uma tranqüila espera pelos acontecimentos que se vão seguindo. O leitor fica atento, prevendo acontecimentos que o escritor vai fornecendo, com detalhes suficientes para evidenciar o que na realidade vem ocorrendo. De alguma forma tem-se, pelos indícios da obra, impressão de que Aluísio Azevedo acompanha de perto os episódios e confia tanto na sua obra a ponto de transmitir confiança ao leitor, 'flesmo que o personagem reaja contrariamente ao previsto pela mente do leitor, o autor consegue resolver este embate utilizando uma ironia como só um Eça ou Flaubert poderiam realizar. Do primeiro, a crítica aos costumes, aos "medalhões", à moral burguesa; do segundo, o modo sério de elucidar uma verdade, artisticamente trabalhada na língua portuguesa.

E o autor de O Homem é naturalista, influenciado, na técnica experimental, por Zola, mestre da arte literária que seguiu os passos do Realismo em busca da verdade comprovada cientificamente.

O tema fundamental em O Homem é a psicopatia, o que há, no decorrer da narrativa todos, os pontos abordados por Flaubert ou Eça.

A sociedade e as regras moralizantes aparecem como sendo as responsáveis pelos desajustes psicológicos. As classes sociais entrechocam-se. A religião é desprestigiada ' "pelos seus adeptos, mentalmente irresponsáveis. A nobreza sendo ironizada e o homem comum enobrecido pelos defeitos morais e "cultura popular.

Aluísio Azevedo escreveu muitas obras literárias dentre as quais algumas não se adequam ao Natu

ralismo por suas características temáticas ligadas ao Romantismo. Exemplo deste fato está em Uma Lágrima de Mulher.

As obras deste seguidor de Zola apresentam-se em grande parte ligadas à injunção econômica pela qual Aluísio Azevedo teve que se submeter, sobretudo quando morava no Rio.

As críticas ao clero era tema antigo em Aluísio Azevedo, pois que em São Luís, usando pseudônimos (Pitibri, Lhinho, Gisofli, Semicúpio dos Lampiões] atacou moralmente os padres, utilizando-se dos deslizes audaciosos de alguns representantes do clero.

□                      Mulato, escrito duas vezes, uma sob a forma romântica e, outra, sob a forma naturalista, teve este nome posterior à sugestão do amigo de Aluísio Azevedo, Fernando Eugênio da Sê Perdigão. Anteriormente, a obra que retrata o anticlericalismo e crítica ao racismo no Brasil, chamava-se A Casa de Manoel Pescada. A obra escandalizou. □ clero agitou-se. Aluísio foi acusado de plagiário. Mencionavam semelhanças entre esta obra e o Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós. As polêmicas que se originaram desgostaram o escritor maranhense que resolve vir para o Rio onde dedicou-se à literatura.

No Rio, lutou para viver. Escreveu folhetins que vendia aos jornais e continuou sua carreira de literato com muito ardor.

Em 1882 publica em folhetins A Condessa Vêspes e inicia Mistério da Tijuca. Em 1883 publica, na Folha Nova, Casa de Pensão. Em 1884 publica Filomena Borges. Em 1885 sai a publicação em o País de D. Coruja. Em 1887 publica o Homem.

Em 1890 sai O Cortiço, romance melhor cuidado de Aluísio Azevedo e obra prima do Naturalismo.

Aluísio Azevedo, quando em São Luís, havia tido instruções sobre pintura, especialmente caricatura, mas, por problemas econômicos, começa a escrever, denotando esmero na arte de redigir. Num desabafo, este autor afirma que não poderia deixar a literatura pois era o que sabia fazer, apesar do pouco que conseguia, economicamente.

Certa vez confessou a Coelho Neto como redigia:

"Fiz-me romancista, não por pendor, mas por me haver convencido da impossibilidade de seguir a minha vocação, que é a pintura. Quando escrevo, afirma, pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus romances, depois redijo-os." (29)

Eis porque este escritor delineia com perfeição a personagem. Visualizamos, pela caracterização de Aluísio, uma personalidade e seu meio ambiente inseridos na obra literária onde há, além do sentido artístico, um cunho sociológico, biológico, psicológico e filosófico, dependendo da obra a ser analisada.

D Coruja apresenta, no personagem André, apelidado de Coruja, um romance com abordagem social e psicológica. André, pessoa de grandes características interiores, não logrou êxito na sua aparência - era de uma fealdade espantosa. No entanto possuía força de vontade mesmo nunca tendo conseguido, facilmente, os seus intentos: quando chegava ao final de um objetivo, outro já se lhe ia apresentando com características mais problemáticas que o primeiro. A tranquilidade com que aceitava a vida parecia demonstrar o fatalismo que se apegava ao homem revelado pelo Naturalismo.

André mostrava-se, no início da obra, como um autómato e, eis que se interpõe um adolescente que diferia daquele An

dré no modo de reagir, na vontade e nos gostos. Este era o Corfja, apelido que lhe deram os colegas de escola. Era homem bom.

Teobaldo, o amigo de André - teria sido melhor dizer: André, amigo de Teobaldo - exhibia-se com a sua graça, fortuna, inteligência, dotes físicos, posição social e, sobremaneira, a sua vaidade e seu egoísmo. Eis o outro personagem em □ Coruja.

□ Homem, redigido sob os moldes naturalistas e, mais ainda, detendo-se à descrição experimental, resultou de uma observação minuciosa de ambientes, como estalagens e pedreiras, Visitava e familiarizava-se com os covoqueiros e participava, de diálogos, no intuito de conhecer os tipos, os costumes, a linguagem, seus anseios e tristezas. Portanto, esta obra de Aluísio Azevedo pode, de alguma maneira, ser exemplo de romance experimental. é produto de experimentação, de pesquisa, de observação detalhada, principalmente no campo biológico e psicológico. Plagdá é o exemplo de um "produto de laboratório". Ela é uma personagem construída com bases em leis naturais e determinísticas, mas em nenhum ponto falhou como personagem vivendo um problema psicológico. Desde a apresentação até o final, num crescendo, apresenta-se em conflito constante consigo mesma. Socialmente sofre embates terríveis devido à repressão que a sociedade lhe impôs desde pequena: é a educação, é a moral, é a orfandade.

A referência ao Naturalismo como arte literária se faz sentir neste ponto, para esclarecer que o Realismo existe no Naturalismo, mas este não se adapta àquele porque há diferenças ideológicas.

Não há luta mas amostras verídicas dos episódios normais dentro de uma natureza comum a todos. E a experiência sen

do transmitida com precisão e arte. É o fundo deixando-se mostrar na íntegra por uma forma cientificamente observada, e analisada por alguém que esteve atento aos fatos.

Se, após todas estas concepções científico-filosóficas, abordar-se o ponto de encontro entre o Realismo e o Naturalismo, chegar-se-á à distinção que existe entre as duas tendências de uma mesma época histórica. O Realismo baseia-se nos mesmos preceitos do Naturalismo; num aparece a preocupação detida na Filosofia; noutro, a comprovação científica dos fatos observados pelo primeiro.

Não se concorda com as afirmações em que o Naturalismo reflete um exagero dos enfoques tecidos pelo Realismo. Não há ampliação dos fatos observados pelo Realista, mas um desvendar, um mostrar, um focar de realidades não alcançadas pela tendência literária Realista. Por outro lado, o Naturalismo não excede, exagera ou aumenta, mas desvenda uma realidade de modo natural e comprovado. Enquanto este observa e seleciona uma realidade, aquele aborda, tudo em aberto, desinteressadamente. No primeiro há a documentação baseada no real filosófico; no segundo. Naturalismo, existe a experimentação, medida através de leis e métodos científicos, ou seja, o real verdadeiro. Por isso, consideramos mais viável afirmar que a continuidade das aberturas filosóficas no campo artístico devem-se ao Realismo, enquanto a experimentação, tendo por base a Biologia, atém-se ao Naturalismo.

ü quadro que segue esquematiza as fases literárias em foco no parágrafo anterior e sintetiza ruias características temáticas.

REALISMO

1. Pratica método de observação.
  2. Só deseja fazer arte desinteressada.
  3. Reproduz a realidade interior e exterior, apoiando-se na censura da sociedade.
  4. As vezes toma temas do passado.
  5. Tem aspecto seletivo da realidade.
- B. Acumula documentos para dar impressão de vida real (impressio  
n a K

»

NATURALISMO

- 1'. Pratica método de experimentação.
- 2'. Tem preocupações sociais.
- 3'. Pretende apoiar-se na ciência e. nos seus métodos para reproduzir a realidade, independente da censura.
- 4'. Só aborda o presente ou espreita o futuro, aplicando leis da herança.
- 5'. Não seleciona. Aborda aspectos mais desplacáveis e patológicos da realidade.
- 6'. Imagina experiências que rematam conclusões às quais só a observação não houvera podido chegar (mostra claramente).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 11 - VARIOS - Os imortais da literatura universal. São Paulo.  
Abril S/A Culturale Industrial. 1 v. 1971. p. 142.
- 12 - AUERBACH, Erich - Mimesis. São Paulo. Editora Perspectiva.  
1971 . p . 433 - 442.
- 13 - idem 12. p. 421 - 429.
- 14 - THOMAZ e THOMAS - Vidas de grandes romançistas. Porto Alegre. Editora Globo. 1959. p. 127 - 134.
- 15 - CARPEAUX, Otto Maria - História da Literatura Ocidental .  
Rio de Janeiro. Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1963. 5 v.  
p. 2360 - 2361.
- 16 - idem 14. p. 85 - 100.
- 17 - JOSEPHSON, Mathew - Zola e seu tempo. São Paulo. Companhia  
Editora Nacional. 1958. p. 244.
- 18 - ZOLA, Émile - O Sonho. São Paulo. Gráfica e Editora Edigraf  
Ltda .
- 19 - idem 17 . ■. 503 - 506.
- 20 - idem 15 . p . 2361 .
- 21 - idem 15 . p. 2390 - 2393.
- 22 - LINS, Alvaro - História Literária de Eça de Queirós. Porto  
Alegre. Edição da Livraria Globo. 1945. p. 49 - '57.,
- 23 - ROSA, Alberto Machado da - Eça, discípulo de Machado?.. Li  
boa. Editorial Proença. 1964. p. 159 - 187.
- 24 - AMADO, Gilberto - Tris livros. Rio de Janeiro. Livraria jf  
sé Olympio. 1963. p. 27 - 30.

- 25 - SIMOES, João Gaspar - Literatura, Literatura, Literatura.  
Lisboa. Portugália Editora. 1964, p. 77 - 107.
- 26 - SÜDRÉ, Nelson Werneoh - □ Naturalismo no Brasil. Rio de Ja  
neiro. Editora Civilização Brasileira. 1965. p. 127-131.
- 27 - FÜULQUIÉ, Paul - A Psicologia Contemporânea (in Atualidades  
psicológicas . vol. 74]. São Paulo. Companhia Editora Na  
cional. 1960. p. 207 - 261.
- 28 - idem 15. p. 2406.
- 29 - MENEZES, Raimundo de - Introdução (In ü Coruja de Aluísio  
Azevedo)]. São Paulo. Livraria Martins. 1973. p. 4.

SEGUNDA PARTE

## 1. Metodologia

Este trabalho abordará a psicopatologia de Magdá em □ Homem, de Aluísio Azevedo, ao lado do fenômeno naturalista que alardeou os leitores desta época de renovação e transtornos sociais e políticos.

Inicialmente um retrospecto das mudanças sociais e científicas a que esteve preso o Naturalismo, trazendo, não raro, esclarecimentos de arte Realista e Naturalista, com o intuito de nortear o corpo do trabalho de maneira mais precisa.

A seguir, remontam-se autores realistas que, de alguma maneira, influenciaram Aluísio Azevedo.

O capítulo seguinte traz uma síntese da histeria, com desencadeamentos, explicações dos tipos e sintomas mais comuns, indicando a influência de Charcot.

Tentar-se-á provar que □ Homem é obra que pode ser estruturada no tema - psicopatologia de Magdá - sem quebrar a técnica utilizada pelos naturalistas, visto que Aluísio Azevedo conseguiu juntar várias características do Naturalismo enquadradas entre o plano da narrativa extrínseca e a intrínseca. Uma face externa é observada e, outra face interna, passível de intuição mas também de interpretação. O problema psicológico da histeria não foge à técnica científica utilizada igualmente por Zola. O determinismo de Comte, Taine, Claude Bernard, não aparece com menos força que em □ Coruja, quando Aluísio Azevedo prognostica, sutilmente, a derrota fatídica de André. A crítica aos liomens "raffiné" da sociedade pervertida pelo poder aquisitivo e "pela celebridade denota o estilo satírico de Eça de Queirós.

A linguagem utilizada nesta obra literária destaca os

termos científicos e os vocábulos que alardeiam a interpretação de homem-animal, nos pontos em que se faz necessária a justificativa do Processo da Evolução, divulgado por Darwin. O anti-herói, torna-se herói no nível do símbolo (= sonho de Magdá) e, inclusive nisso, há uma linguagem específica.

Considerando-se que a histeria "é uma afecção mental caracterizada por um exagero considerável de sugestibilidade e evidenciada por surpreendente plasticidade da personalidade" [30] temos em Magdá um exemplo desta doença mental que a levou à loucura. Evidenciar-se-á tal ocorrência sob o aspecto médico também.

A burguesia, na Europa, desencadeou sérios problemas sociais e políticos; a sua influência no Brasil se fez através dos "medalhões" que, de alguma maneira, realizaram tanto ou mais que os burgueses, efetivamente. Não há comparação mas existe o fato que repercutiu entre nós e trouxe uma cosmovisão das ocorrências alardeadas primeiramente no Velho Mundo. □ Homem deixa transparecer, pela ironia, a queda dos aristocratas através do desnudamento de suas vidas íntimas, na personagem Magdá, abúlica ao seu consciente de melhor presa aos ditames sociais de uma fase histórica regida, agora, pelo cientificismo.

A sanção difusa - forças que atuam no sentido de uniformizar a conduta dos indivíduos - pode controlar, socialmente, as pessoas, entretanto há casos em que ela consegue demolir a estrutura psicológica de um indivíduo. Aqui se coloca Magdá, com seus conflitos, temores e volições.

Freud e Jung nortearão a análise psicológica sob o ponto de vista literário. Há explicações para os fatos que ocorrem inconscientemente na vida real, bastando analisarmos atos e

reações em uma pessoa para iniciarmos a caracterização do mecanismo insondável da mente humana.

Os vocábulos tendem ao chocante, ao desumano, porém refletem a ambiência das pessoas que vivem sob o aniquilamento social ou - no caso de Magdó - sob uma coersão social maquinamente introduzida nos hábitos, costumes, moda, classe social, deveres para com os amigos, enfim, numa gama infindável de requisitos sociais. As palavras corroboram para o 'desabafo sensível das personagens que "pactuam", inconscientemente, com um problema social, patológico ou não: eis aí de que é feita uma narrativa literária moldada numa sócio-psicofilosofia da vida de homens comuns que o Naturalismo soube apresentar.

TERCEIRA PARTE

### 1. Alguns Aspectos da Histeria.

"Nevrose p r o t e i f o r m e , caracterizada por sinais perm\_a nentes e por acidentes paroxísticos que consistem em ataques convulsivos em manifestações que simulam afecções orgânicas as mais diversas. A histeria é um estado patológico do sistema nef voso sem lesão orgânica aparente, provocado nas pessoas muito emotivas, muitas vezes pela sugestão ou pela autosugestão. A histeria pode simular as doenças mais divsfsas, e é caracteriz\_a da por perturbação sensorial, perturbações da motilidade, peñ turbações vaso-motoras. 'Hanifesta-se por acessos epileptóides e delirantes. A histeria, cuja causa ainda é discutida, é mui- tas vezes hereditária." 131]

Qualquer indivíduo normal pode ter flutuações de hjj\_ mor, tanto no sentido da excitação como no da depressão. A fre\_ qüência e a direção da alteração sofrerão influência tanto das circunstâncias que geram tais efeitos quanto da constituição ff\_ sica do indivíduo. As flutuações depressivas e excitativas to- mam diferentes direções no estudo da psiquiatria visto que a primeira tende a atingir nfveis elevados, incapacit-ando o indff\_ vido.

A depressão pode ser produzida por ocorrências ordin^ rias ou circunstâncias excepcionais num indivíduo de constitui\_ ção média, dependendo muito mais do esforço individual sm veñ cer situações do que as causas que a originam normalmente. Em regra geral estes estados são produzidos por súbita alteração crítica, como por exemplo, morte de entes queridos (ma r i d o ] , p\_ e. r da de emprego, ruptura de um caso amoroso e ainda por um gradjj\_ al acúmulo de angústias.



□ humor melancólico é muito mais freqüente para ocasionar estados neurastênicos; a ansiedade e a hipochondria, por outro lado, poderão vir acompanhadas de características histéricas: irritabilidade.

Levando em conta os conceitos que Freud deixou com relação à mente humana, temos que considerar dois mundos distintos que trabalham na psiqué do indivíduo. O consciente, com raízes profundas no inconsciente, está o "ego", realidade, vivência aparente. Do inconsciente, camada mais profunda e fonte de energia que supera a força motivadora da conduta, é o "id" que representa o prazer, a satisfação. A consciência moral é dirigida pelo "superego". Está na parte inconsciente do "ID" que se estende até o consciente. □ "superego" funciona como preventivo contra as infrações do "êgo" e, também, como punidor.

A neurose e as afecções psíquicas são esclarecidas pela psicopatologia tendo em vista o jogo "id-ego" apresentado por Freud. □ sistema "id-ego" é usado para explicar a neurose resultante de um conflito entre o "ego" e o "id" como submersão do "ego" no "id" que assume o controle das ações. Portanto, sob o ângulo freudiano, o controle "id-ego" representa normalidade e o seu descontrole gera a anomalia psíquica de maior ou menor monta, dependendo da complexidade que exista no âmbito consciente--inconsciente.

CONSCIENTE = INCONSCIENTE

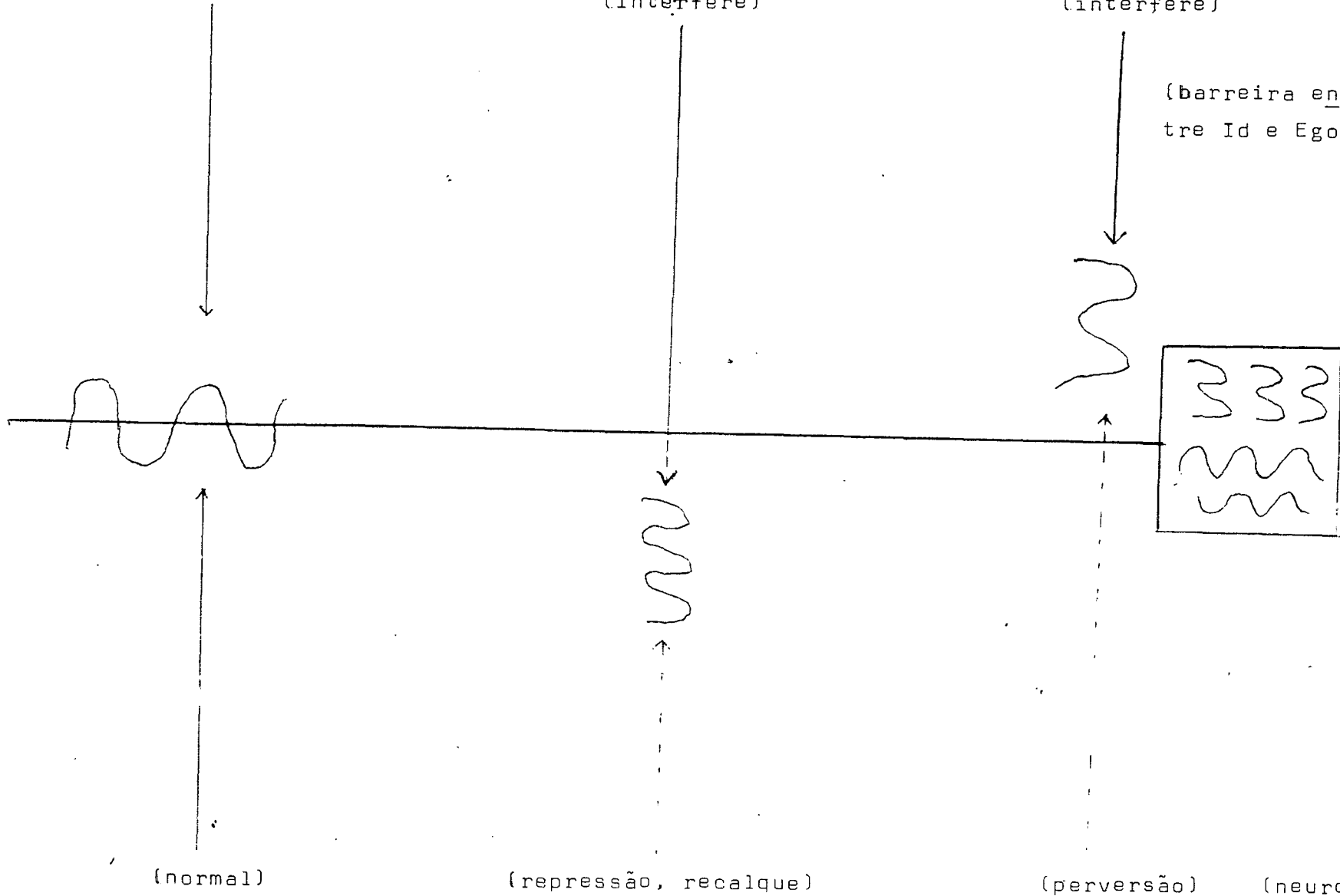
CONSCIENTE- INCONSCIENTE  
(interfere)

INCONSCIENTE- i- CONSCIENTE  
(interfere)

EGO

(barreira en  
tre Id e Ego)

Vejam<sup>os</sup> num gráfico:



ID

(normal)

(repressão, recalque)

(perversão)

(neurose)

Se, na neurose, há uma espécie de temeridade tanto no "id" com relação ao "ego" como vice-versa então, ela representa uma pacificação entre inimigos que se temem e, para tanto, deixam uma barreira intransponível entre ambos. Não há condições para a perfeita flutuação entre "id" e "ego" nem tão pouco entre superego e ego. Não existe a consciência vigiada pelo superego mas sim o complicado "medir de forças" do "id" com o "ego". Portanto, há pressão entre consciente e inconsciente que gera um conflito psíquico no indivíduo normal. A persistência destes conflitos interiores podem desencadear depressão que originará todos estes problemas que a psicopatologia, na atualidade, tenta resolver.

Nota-se que, de imediato, a histeria, sendo um "estado patológico do sistema nervoso", tem ligação com as ocorrências conflituais entre "id-ego" até que um dos opostos reaja mais fortemente e dê origem a uma afecção nervosa caracterizada por certos sintomas.

Freud completou e esclareceu quase tudo com relação à mente humana. \*e, deu fim ao conceito de Platão sobre a histeria: ela não possui lesão orgânica aparente mas um estado doentio do sistema nervoso que transparece sob diversas maneiras e sintomas. Não há regras nem meios de determiná-la. Não existem fatos imediatos que comprovam sua aproximação mas há comportamentos que devem ser analisados e observados. Por outro lado, Séguier, afirma o fator hereditário na histeria, que é outro fenômeno não esclarecido totalmente. Muitas pesquisas foram realizadas neste campo. Kraulis, Mc Innes, Brawn, LJunberb. e Slater, de 1331 a 19.61 estudam o problema da histeria, no homem e na mulher, chegando cada qual a conclusões específicas sobre a here

ditariedade e o histerismo.

A histeria, em si, não será totalmente hereditária, mas as etapas até chegar a ela muitas vezes são encontradas nos casos de familiares do indivíduo histérico. Pode-se considerar hereditário o trauma que conduz o indivíduo a um desregramento psicológico e a incidência neste aspecto pode revelar um problema para ser estudado cientificamente. Junta-se a isto o fato da imprevisibilidade humana e tem-se um caso complicado na psiquiatria, no entanto a complexibilidade também pode ser fruto de comportamentos desinibidos que extravasam seus recalques de maneira incomum.

Não é histérico todo indivíduo que transpõe anormalidade no fluxo humoral, mas histérico é aquele que assegura uma situação incontestavelmente anormal, baseando-se nos sintomas comuns a esta doença.

### 1,1. Sintomas Histéricos.

A histeria não pode ser prevista, já que ela tende a manifestar-se através de colapsos súbitos da personalidade sob tensão emocional violenta, acidente, desapontamento, estímulo esmagador como explosão de uma bomba, a excitação e o medo provocados pela experiência da primeira noite de casamento na noiva emocionalmente imatura. Poderá ocorrer início da histeria provocado por influências sugestivas, (direta e indireta). Quando um homem, que sofreu acidente de trabalho, adquirir neurose, ele foi influenciado por sugestão menos direta; isto é, o paciente não toma consciência direta do fato mas não se sente recu-

perado de uma doença que nunca existiu. Seu inconsciente foi alertado por sugestão do patrão (talvez) quando o levou ao hospital para verificar se tudo ia bem.

No outro caso, direta, ela é provocada pelo paciente que pratica a hipnose, degenerada em histeria; A hipnose em pessoas sensíveis provoca a cisão da consciência e pode desencadear-se em histeria. Pode surgir através de um incidente, de desgosto, uma perda ou um desapontamento. Para que ocorra uma doença psicológica, o incidente deverá ser muito grave e o indivíduo muito suscetível. O fator precipitante poderá ser gerado na convalescença de uma gripe ou em outros casos resulta de uma somatória de desapontamentos e frustrações,

Com referência à regulação bioquímica corporal, há elevação da pressão arterial acompanhada de diminuição da frequência cardíaca; diminuição dos movimentos gástricos e intestinais além da perda subjetiva do apetite. A pele perde a sua coloração sadia e a circulação, nas extremidades, poderá evidenciar redução. Os transe histéricos podem aparecer a qualquer momento e sem um motivo que os faça surgir, Poderão ocorrer alucinações visuais e auditivas, conscientemente coerentes. (32)

As mensagens recebidas por religiosos, após um período de jejum ou vigília, não são caóticas nem desorganizadas, "mas tem o caráter da personalidade do paciente e podem conter elementos de misticismo genuíno e exaltado."

A tendência, crônica à invalidez e a distúrbios médicos ou cirúrgicos é deliberadamente simulado pelo paciente. Os sintomas e sinais físicos são simulados conscientemente, mas as razões que fazem com que os pacientes procurem por estas satis

fações mórbidas não são conhecidas por eles.

Os sintomas, resultando em processos dissociativos, são os mais variados e podem aparecer muito mais evidentemente como distúrbios de sensação, distúrbios de motilidade, ataxias, paralisias esfânticas ou flácidas, movimentos coreiformes, atetóides e tremores (quase todos sintomas de histeria, sem base orgânica).

A personalidade histérica é muito propensa ao riso fácil ou ao choro instantâneo. Na afeição, tem tendência à possessão e é imune a distúrbios sérios (sente-se bem, mesmo nas piores situações] Estítdu l a - s e por cenas pessoais, acusações, lágrimas, protestos e reconciliações. Esquece com rapidez os mal entendidos. Exagera nos superlativos- de casos doentios pois que suas dores são tenebrosas, seus nervos despedaçados, sua família comporta-se abominavelmente ou como anjo. Dissimula e autodissimila tão rápido como mente. Autosagestiona-se com facilidade e se convence das próprias mentiras chegando a vivê-las. (Baeyer S. Cleckley).

Outro fator sintomático ocorre na personalidade dupla e múltipla (Morton, Prince e Dacdongall apresentaram este estudo). Personalidades em um único indivíduo que ora transparece como A, ora como B, refletem caso típico de histeria. Este é um sintoma -muito comum em pessoas muito sensíveis e portadoras de alto senso imaginativo. Muitas vezes o personagem vivido em B, embora imaginário, resolve os problemas vividos em A. Ocorre, por vezes, a predominância da vida imaginária e nisto acha-se a neurose do indivíduo,

O estreitamento do campo visual, a anestesia do paletó e da córnea são sintomas que se adicionam aos demais para corro-

borar num julgamento de uma crise histerica.

Chegou-se a analisar o Q.I. de individuos portadores da histeria e conoluiu-se que neles a inteligencia não era fator predominante, além do que a histeria era muito mais encontrada em individuos com certo retardo mental. A susceptibilidade ao histerismo era maior nas pessoas com certa deficiencia intelectual que nos outros. B. 33) {

A psicopatologia é ramo complexo dentro da Psiquiatria e, por tratar de problemas anormais à mente humana, refletiu grandemente em outras ciencias e até nas artes. A doença mental sempre foi um tabu para o homem, um enigma para as artes e, em especial, um tema para a literatura, razão suficiente para que se estude, se pesquise e se amplie o conhecimento científico dos casos patológicos de nossa sociedade.

A histeria, por retratar um estado neurótico feminino, traz implicações hereditárias ou surge por desencadeamento parcial de uma mente suscetível a depressões melancólicas. Qualquer choque, por menos significativo que aparente poderá desencadear em estado histerico.

A mulher, pela sua constituição psíquica mais sensível, pode mais facilmente adquirir ou desenvolver uma histeria do que o homem; isto, no entanto não imuniza o sexo forte do histerismo, t.341

É, não resta dúvida, uma doença psicológica, com raízes hereditárias ou com predisposições psíquicas a surgir a qualquer momento em individuos que não mantém o nível do "id-ego" na normalidade natural. A incidência do fato resulta no hábito e este aprimora um "lugar comum" que dificilmente poderá ser somado na

sua totalidade. O esforço e o medicamento relaxante podem aliviar o sintoma e fazer regredir o processo mas, concretamente, não haverá normalidade efetiva.

Este capítulo, tão específico dentro da ciência, vem em auxílio da crítica literária para que conduza de maneira mais evidente o caso patológico de Magdá em □ Homem de Aluísio Azevedo.

Magdá é histérica. □ processo desencadeou-se por ocorrências afetivas pessoais e por fatos sociais do seu tempo que reprimiram uma personalidade sensível e levemente abalada por questões individuais. Nunca se pode prever um sintoma para o histérico nem tão pouco a reação que poderá ocorrer com determinado fenômeno social. Por outro lado, nem todos conseguem reprimir sua personalidade com adequada aceitação "id-ego" sem causar um trauma interior.

A vontade merece atenção adequada, principalmente nestes casos psicopatológicos: nem toda reação pode ser permitida ou reprimida de imediato. Cada indivíduo está ligado a um complexo interior, psicológico, controlado por algo que Schopenhauer chamou vontade. Ela, por menos importante que seja, repercute nas reações normais ou anormais de um indivíduo racional. Nem sempre é viável de controle, tão simples como a locomoção ou a fala. A vontade pode revelar-se na vida real ou no sonho. Ela reflete uma índole, um homem, uma personalidade, no entanto a normalidade psicológica não é medida pela vontade. Pode auxiliar na recuperação do indivíduo, quando bem dirigida. Ela pode ser utilizada para normalizar o sistema psicológico "Id-ego" desencadeado numa neurose ou numa anomalia qualquer, identificada



pelo controle nervoso, das a vontade é forte, muito mais que o intelecto; é instintiva, porém controlável por meios psicológicos persuasivos. Complexa e simples porque retrata a força que pode dominar um animal ou acalmar um sistema mental de um ser humano.

Se, por um lado Plagdá tenta reagir ao sonho, uma força dominadora imprime-lhe atitudes descabíveis ao seu modo natural de ser. Que impulso tão estranho derrotou Magdá da sua vida normal? Quem é Magdá no sonho? Como é Magdá na vida real?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 30 - SEGUIER, Jaime - Dicionário Prático Ilustrado. Porto.  
Lello e irmãos Editores. 1966. p. 604.
- 31 - idem 30. p. 604.
- 32 - MAYER, GROSS \* Psiquiatria Clínica. São Paulo. Editora 'Me\_s \_  
trejou. [todoovolume].
- 33 - BRENNER, Charles. - Ne u r o p a t o l o g i a y Psiquiatria. Rio de J\_a  
neiro,. Imago Editora Ltda. 1969. p. 255-262.
- 34 - nOROZOV, G. & ROnASENKO. Neurosis, Reacciones y Pesarrolios  
Psíquicos Anormales. Rio de Janeiro. Editorial Científ\_i \_  
co-nédico. 19-67. p. 387-39 9.

2 . Idéias que geram o movimento realista-naturalista e interferejn em Aluísio Azevedo .

Com a fundação do partido republicano, em 1870, afe tam-se as atenções dos jovens para o regime político que surgiria em 15 de novembro de 1889. O movimento realista-naturalista coincidirá com a queda de D. Pedro II, decorrente da abolição dos escravos, do positivismo promovido por Benj'amin Constant e das questões militares que corroboraram para a Proclamação da República. (35]

As mudanças estruturais de ordem social - político-econômica, em todo o mundo, repercutem numa tomada de posição, também aqui no Brasil. Os setores técnicos e científicos são reestruturados nas bases européias. A comunicação entre os povos se faz mais rápida e o interesse pela ciência exata é a ordem da época. Comte, Taine e Claude Bernard são divulgados. A psicologia toma novos rumos na resolução de problemas do comportamento humano. A máquina entra em funcionamento para suplantar a mão-de-obra. O literato insere-se por estes caminhos para analisar, observar e experimentar as reações dos homens frente aos problemas diários, é um Balzac a tecer as linhas dos futuros analisistas em literatura; é Flaubert a criar o romance moralizante; é Zola desnudando a moral burguesa, a vida aviltante do trabalhador, as mazelas do corpo e do espírito; é um Eça de Queirós caricaturando a mulher provinciana e "farpeando" a alta sociedade lisboeta, ou então os irmãos Concourt retratando a sociedade decadente.

A mesma revolução científica ditou normas para o Realismo e o Naturalismo, no entanto, uma difere da outra no aprofun

damento dos fatos e na escolha da direção que tomaram. Na primeira tendência há o desvendamento da realidade social e de seus dramas; na segunda, o desnudamento desta mesma realidade, assim como, dos problemas conflitantes do homem na sociedade que o corrompeu.

No Brasil, através das idéias abolicionistas e repúblicas, pelas filosofias positivista - evo lucionistas, influência de Tobias Barreto, Sílvio Romero, Capis-trano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Medeiros de Albuquerque e outros, germinou o movimento realista-naturalista. (36)

Três problemas, conforme Afrânio Coutinho, são apresentados pelos autores naturalistas, no Brasil: a luta contra a igreja, a reação contra o preconceito de cor e a questão sexual. -A exploração do homem pelo homem adapta-se perfeitamente aqui ou em qualquer lugar da terra, porque é um fenômeno antigo que se vem repetindo há séculos.

O ano de 1887 refere-se ao aparecimento de O Homem, um dos romances de Aluísio Azevedo que tem causado muita polêmica em torno de sua valoração e veracidade literária. [35]

Aluísio Azevedo, na opinião de Otto Maria Carpeaux (36). é o representante do Naturalismo Brasileiro. Foi influenciado diretamente por Zola e Eça. Do primeiro adquiriu a técnica do "romance experimental"; do segundo, a linguagem apurada e a criação de tipos.

O autor de O Homem sabia, com muita perícia, traçar a coletividade, os grupos, o meio social das capitais. Álvaro Lins (37) considera Aluísio Azevedo deficiente na caracterização psicológica do homem isolado. Entretanto, sendo ele um naturalista à moda de Zola, tinha o hábito de pesquisar os tipos.

fatos e situações sociais, mostrando bem, portanto, sua técnica experimental nas obras literárias de valor incontestável], .

A preservação, por parte da mulher, do instinto maternal, baseando-se na degradação social, aliado ao desvirtuamento da emoção, é ponto culminante na obra o Homem, de Aluísio Azevedo. É considerada, dentre as obras literárias dele, a única que se aproxima de Zola quanto à preocupação do caso patológico descrito com bases científicas. O ponto alto desta obra não é o histerismo em si mas os meios que levaram Magdá à afecção nervosa. A coerção social, a educação rigorosa e a perda prematura da mãe são fatores que favorecem o apuramento da histeria latente.

"O pai votava-lhe já essa reverente consideração, que nos inspiram certas damas, cuja pureza de hábitos e extrema correção nos costumes se tornam-legendárias entre os grupos com que convivem;...." (38)

O aspecto social interessava a Aluísio Azevedo na cosmovisão do personagem frente aos desregramentos que sintetizam a ação de homens reagindo concretamente, com mais ênfase no desejo que na emoção e no conhecimento. O desejo, o apetite, o impulso e o instinto preponderaram-se no homem apresentado por Aluísio Azevedo, concorrendo para a objetivação da filosofia determinista da época. Platão, em épocas bem remotas, ao referir-se sobre o desejo, afirma que sua sede está nos rins e que é um "reservatório repleto de energia sexual".

Tanto o desejo quanto a emoção, normalmente são viáveis de controle pelo conhecimento, mas, por influência do meio ou mesmo pela hereditariedade, esta teoria pode deixar de ser visualizada sob os moldes da normalidade prevista por Platão. ('39) O desvirtuamento da realidade plausível no indivíduo, é

tema, também, abordado pelo natural! r>t a. Não deixa de existir uma preocupação social quando o artista faz transparecer a vida interior de um homem que luta por controlar o seu desejo, entre tanto, vê gradualmente a transformação dele em instinto, somente. Neste fato vai a característica da fisiologia e funcionamento glandular de Claude Bernard, aliada ao determinismo, de Comte, esclarecer que o homem é um animal social enquanto suas glândulas funcionarem normalmente. Os distúrbios glandulares repercutem no intelecto e transformam o indivíduo em um ser anti-social. são os casos encontrados no Naturalismo que escandalizam os leitores. f4 0.) Magdá, a personagem histórica de Ho - mem exemplifica a problemática social de Taine, a fisiológica de Claude Bernard e a neurológica de Charcot. (41)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 35 - MIGUEL - PEREIRA, Lúcia - História da Literatura Brasileira - Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora. 1973. p. 151 .
- 36 - LITRENTO, Oliveiros - Apresentação da Literatura Brasileira - Guanabara. Biblioteca do Exército Editora Forense Universitária Ltda. 1974. p. 141.
- 37 - idem p. 142 - 143.
- 38 - CARPEAUX, Otto Maria - História da Literatura Ocidental. Rio de Janeiro. Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1963. 5 v. p. 2406.
- 39 - SALES, Herberto - Para conhecer melhor Aluísio Azevedo. Rio de Janeiro. Editora Bloch. 1973. p. 38.
- 40 - DURANT, Will - História da Filosofia. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1956. p. 41 - 42.
- 41 - FOULQUIÉ, Paul - A Psicologia Contemporânea (in Atualidades psicológicas) vol. 74K São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1960. p. 207-261.

3. O Homem - exemplo brasileiro de romance experimental ( i n t e f p r e t a ç ã o } .

Aluísio Azevedo, em O Homem, realiza um romance experimental, abordando a psicopatologia na personagem Magdá. Há uma estruturação neste romance naturalista que aborda a personagem na sua problemática psicológica em oposição ao ambiente social e familiar. A sociedade, a família e seu mundo interior denotam ■ uma distância muito grande entre os seus pontos que deveriam concatenar mas que se entrecrocaram e reagem uns contra os outros na mentalidade confusa de Magdá.

Remontando Zola, encontramos um aspecto que interessa diretamente nesta abordagem psicológica do homem: o romance experimental. É a experimentação de casos que interessam ao homem e à ciência. Denuncia-se umá sociedade e prepara-se um terreno para melhorá-la; delata-se um caso amoroso e se cuida da realidade objetiva como meta primordial do homem; analisa-se uma psicose e ao mesmo tempo juntam-se esforços científicos para saná-la ou atenuá-la; remonta-se até ao gene e se procura uma brecha que encaminhe direcionalmente o mal da psiqué (tão discutido quanto a hereditariedade) para uma solução adequada. Eis o naturalista preocupando-se com o homem e seus problemas. Literariamente, socialmente e na base do cientifismo fisiológico, O Homem retrata um caso para ser estudado: desenovelam-se os complexos ditames da sociedade, família, moral, lei, religião e subjetividade, trazendo à luz da ciência um exemplo, um caso a ser experimentado e discutido.

Há críticos que não aceitam O Homem como obra de arte sensível mas a caracterização somente de um caso de histeria. Mas arte é também entornar, na medida adequada, um pote de líquido mes



mo que ele desvende o lado Indesejado da vida humana. Não é só e\_s\_ ta ação simples e fáoll mas embuída pela verdade real de cada ff to a ser considerado, como se fosse a cópia de- uma vivência fan\_ tástlca no interior do homem. Arte não é só beleza mas a verdf de, a objetivação de casos reais, a vida como se apresenta, a falta de artifício demolidor, a crueza vivida do ambiente inte\_ rior do ente humano, a causa e efeito de ações que refletem o dom da criação, mesmo que seja nas imperfeições. Arte também ■ é vida. Arte é sempre realidade de um fato.

"A obra de arte deve possuir, no conhecimento e intef\_ pretação da natureza e do homem, a mesma objetividade da Investi\_ gação científica, e o artista deve ter, através de sua obra, pa\_r\_ ticlpação política na vida social". (42) Nisto o Naturalismo apa\_ rece como sendo a literatura deste século. A natureza como guia da objetividade e o homem equiparado a ela não conseguem escapar um- do outro: o homem demonstrando aptidões, habilidades e a natjj\_ reza sendo a mestra de todas as perfeições ou imperfeições huma\_ nas, bastando para tal a visão verdadeira do ponto focado e o relato científico do caso a ser analisado.

Daí, arte e ciência equiparam-se para o maior salto dado até então: a beleza verdadeira. Se o belo é o verdadeiro, este também será belo. Se a recíproca é verdadeira, pode-se com\_ provar que, se o verdadeiro for o não belo, este será encarado Cf\_ mo obra de arte porque houve comprovação do verídico como sendo arte. Assim, leva-se a bom termo o caso do Naturalismo: é arte preocupada com a verdade dos fatos e casos na abordagem cientifi\_ ca das experiências, é natural em ciência porque ela reflete o lado verdadeiro e tudo resulta da ambiência do casoupols ref\_ sente a vida do homem preso a natureza que a gerou. Não há esco\_ lha, não há divagações mas existem tomadas de posições que reper

cutem na interpretação do homem desta fase histórico-social.

Não pode haver, portanto, depreciação artística no fato do homem ser analisado cientificamente e exteriorizado com naturalidade. Pode-nos surgir um indivíduo que possua um desregramento psíquico mas isto é a realidade apresentada como tal, porque a arte não deve ser entendida como sendo a perfeição ou a coisa ideal; antes será a visão imparcial de um homem que sabe de que maneira focalizar sua objetiva para determinados pontos da vida ou do comportamento psíquico social de seus semelhantes. A objetiva não se prende ao sentimentalismo ou às divagações subjetivas e, desta maneira, trará o lado verídico dos pontos focalizados tal qual uma foto que surpreende fisionomias, atitudes e um espaço geográfico verdadeiro.

o Naturalismo vai ainda além; perscruta o lado oculto da vida humana, mesmo que tenha uma foto não ideal aos olhos do leitor sequioso por uma beleza aparente. Aqui a observação não se faz com o sentimento, antes é uma visão através da intelectualidade do artista,, considerando as novas necessidades e expansões da época revolucionária na política, filosofia, sociologia, biologia e demais correlações com o mundo científico e social, afirmando-se como um fantástico salto observado por todos, contudo incompreendido por muitos, dada a objetividade com que se apresenta repentinamente.

Se a ciência permite-se abranger facetas da vida humana detalhando pontos de várias categorias objetivando, analisando, experimentando e concluindo em benefício do indivíduo terreno, a literatura faz, em seu campo, semelhante abordagem da vida social deste mesmo homem. A aceitação do fato verídico em ciência sendo natural, influencia o Naturalismo para a tomada

de posição da arte literária.

Encarado deste modo, o Naturalismo é, antes de tudo, uma perspectiva preocupada em retratar com toda naturalidade [como em ciência) os fatos comuns ou incomuns pelos quais pode passar um homem normal. Não há individualização do fato em si, transmitido pelo artista mas há preocupação em detalhar veridicamente tudo o que possa transmitir com objetividade. E a ciência dirigindo a arte. É a filosofia norteando tomadas de posições, é a sociologia buscando quesitos para um mundo melhor, mais completo e destituído das divagações insignificativas porque há exatidão, análise e experimentação baseadas no cientificismo propulsor da industrialização.

### 3.1. O Homem: uma obra de arte naturalista (síntese)

A narrativa de O Homem fornece o comportamento da personagem Magdá determinado pelo espaço físico e psicológico, conduzindo ao homem em conflito com os preconceitos do meio e da hereditariedade - dirige o fenômeno biológico e psicológico.

Esta obra, sétima de Aluísio Azevedo, não é considerada pela crítica como uma das melhores deste autor, no entanto, ela se adapta exemplarmente ao romance experimental divulgado por Zola. Críticos, com referência a O Homem, discutem o valor estético-literário desta obra - por ser cientificista - para a interpretação, mas seu soerguimento se faz sentir - ainda que inacefável por muitos teóricos - na caracterização psicológica da personagem histórica, tendo em vista a coerção social. Estranha-se, com certeza, a tomada direcional de Aluísio Azevedo, entretanto não se questionam as razões porque ele foi levado a escrever sobre assunto tão distante da sua alçada. O valor da obra reside no

fato de, pelos caminhos patológicos, engendrar combate psicológico à moral esfuziante da sociedade humana.

Aluísio Azevedo, prevendo a polêmica e inaceitabilidade de de □ Homem como obra de arte naturalista, endereça uma epígrafe ousada mas elucidativa de seus objetivos quanto à obra aos leitores, no início do romance.

Magdá, filha do Sr. Conselheiro Pinto Marques, apresenta-se como personagem acometida por males sentimentais. Mas também está doente, não se sabendo como curá-la, entretanto.

A história diz respeito a Magdá, desde o início apresentada como moça tristonha e insatisfeita, por isso mesmo abulca.

Encontra-se apática desde que soube da verdadeira identidade de Fernando. Ele não podia se casar com Magdá porque era seu irmão.

A verdade não é esclarecida de imediato, razão suficiente para que Magdá passe a odiar Fernando já que o rompimento do namoro e planos para o casamento tenham se desfeito sem justificativas plausíveis. Ela pretende vingar-se, casando-se com Martinho de Azevedo, no entanto o pai não se conteve e resolveu contar-lhe o que Fernando era para ela.

Magdá recebe a novidade "como se lhe tivesse passado por diante dos olhos uma faísca elétrica", tal o choque que lhe causou.

A repulsa de Fernando por ela e o conhecimento de que era seu irmão conflitavam a mentalidade de Magdá. Ela não é mais a mesma menina alegre que almeja a realização de um sonho para o qual se havia preparado desde a infância: educou-se com primor, conscientizou-se da moral rigorosa e escolheu seu grande a

mor. Passo a passo a personagem encaminha-se para a histeria, sob os violentos protestos do Dr. Lobão: ela precisa casar imediatamente ou a doença tomará conta de (lagdá.

O pai de Magdá não poupa esforços para casá-la - mensalmente dá festas e convida jovens para aproximá-los de Magdá - mas ela sempre se nega a aceitar qualquer um dos pretendentes pã ramarido.

As crises continuam, às vezes fortes, outras vezes mais fracas. Dr. Lobão ia prevenindo o pai do res'ultado 'provável, entretanto o Conselheira já não sabia o que fazer para ajudar a filha .

A morte de Fernando repercute em Magdá, duas semanas após, como a própria morte: gritos, convulsões, delírios e i\_nconsciências. Violentamente a histeria começa a aparecer. Dr. lã bão chama a atenção da doença, que está em aceleração progressivo, e compara a reação de Magdá à fome de três dias, cuja única solução seria o roubo. No entanto, existe a repressão social e o indivíduo morrerá de fome para não reagir à moral: assim está Magdá. Ela precisa casar urgentemente. Reiniciam-se as festas. Apresentam-se os pretendentes, que são caracterizados, pelo autor com ironia. Magdá, entretanto, não se decide por ninguém.

Dr. Lobão sugere uma viagem à Europa mas nenhuma mē lhora ocorre.. Ela se volta para a religião. Obtém lições da tia sobre como superar as crises elevando o pensamento a Deus. Transcorre um período de completa tristeza em Magdá: não há sô'rriço, não há festas, cantos nem piano; não pinta mais, só lê, de preferência livros religiosos. Vai muito à igreja e, não raro, re^refsa desfalecida ou com novas crises.

O Conselheiro, em certo momento de inconformação, prof

biu Magdá de ir a igreja, dado os transtornos causados pelas be-  
 tices repentinas dela. A represália acarreta a Magdá outras cri-  
 ses, cada vez mais complicadas. Aparece a febre <sup>I</sup>histérica e Dr.  
 Lobão preocupa-se mais ainda.

Convenceram-se de que o campo lhe faria bem e, na reali-  
 dade, quinze dias após a última crise, Magdá e o pai, num "lan-  
 dau" dirigiam-se para Tijuca.

Numa das discussões amigáveis com o pai, Magdá exacer-  
 bou-se, chorou e ficou temperamental. Apareceu o temível sono l\_e-  
 túrgico e, para fazer Magdá voltar a si Dr. Lobão, aconselha do por  
 um colega seu, pôs em prática a compressão do ovário. Eis que  
 Magdá despertou mas "começou a sentir-se vagamente magoada nos  
 melindres do seu pudor".

Pela janela do quarto de Magdá se via uma pedreira da qual  
 a filha do Conselheiro se detinha, esquecida, a observar os muscjj-  
 losos cavouqueiros. Não queria sair mais da janela e, se vinham  
 convidá-la para um passeio, ficava irritada.

Tia Camila morreu e Magdá, durante o velório, sofreu um  
 ataque de coréia.

Tendo morrido Camila, a mulher que estava prestando ser-  
 viço para Magdá, foi substituída por Justina. Era mulher de bons  
 costumes, gorda, conversadeira, viúva e tinha um filho.

Magdá sentia-se bem com Justina e chegara a dormir acon-  
 chegada ao peito dela. Encontrou, na criada, carinho, paciência m<sup>f</sup>-  
 ternal e dedicação humana. Justina devia atender o filho "que e-  
 tava doente. Magdá ficou "nervosa e impertinente", além de sentir  
 ciúme do pequeno.

Tanto observou os cavouqueiros que sentiu vontade de  
 vê-los de perto. Foi o que fez, na manhã seguinte, acompanhada pe-

lo pai. Desmaiou e precisou ser carregada para o casarão por um dos cavouqueiros, ù contato físico do cavouqueiro carregando Magdâ "era uma esmola atirada à fome do seu miserável s a n g u e ". Ha s. . . causou espanto sua reação quando o moço da pedreira a colocou num banco de pedra junto à casa do Conselheiro. Do estado de v&lúpia passou, num repente, a sentir acanhamento daquilo que na inconsciência vivera mas na realidade devia desprezar. Por isso sentiu-se "ofendida, ultrajada, no seu orgulho e no seu pudor".

Apesar da repulsa pelo cavouqueiro, sonhou com ele a noite inteira, isenta de preocupação moral e livre da sociedade que a reprimiu com normas. No sonho, realizou-se como mulher, e sonhando, encontrou seu pai ao pé do morro. Ele estava raivoso , nem parecia o Conselheiro de boas maneiras; repassaram, pelo so\_nho de Magdâ, todos os passos da instrução que ela tivera, os jovens pretendentes que rênunciara (um era velho, o seguinte um d&efunto, outro um libertino - conforme expressão de Magdâ] e ag&ra... encontrara--a neste estado irreconhecível. O pai repeliu-os e Magdâ chorava.

A realidade era bem outra mas magdâ certificou-se do amor do pai, fazendo-lhe perguntas.

Justina regressou. De noite, enquanto acariciara Magdâ para adormeci - la,, es cutou Luís cantando. Magdâ adormeceu e tornou a sonhar com o cavouqueiro, prosseguindo no sonho iniciado na noite anterior. A aparência física do moço da pedreira modifie^ra-se para Magdâ: a suavidade e a sensualidade eram compa-radas à natureza vegetal e animal. G cavouqueiro conversou com Magdâ, no sonho, e segredou-lhe quem era, e porque "foi buscá-la num -, s&fno". Livrou Magdâ do seu dever social de mulher aristocrática; deu-lhe esperança e lhe ensinou a amar, à semelhança da natureza.

Despertou, novamente humilhada, exacerbada.

Mal adormecia, voltava "a sua existência fantástica". A felicidade existia no sonho de Magdã: amava, tinha fome, dormia e sonhava.

Acordou do terceiro sonho, no momento em que adormecia com o cavouqueiro. Estava reanimada e até saiu para passear com o pai.

No quarto sonho Magdá estava dormindo quando o moço da pedreira chamou por ela até que a acordou. Ela mencionou a realidade como sendo sonho do sonho. Conheceu a Ilha do Segredo e Luís era seu herói no sonho, Magdá distraidamente, colheu uma das flores feiticeiras e, assim tendo feito, estavam proibidos de deixar a ilha.

Pensando no sonho, sentiu-se ultrajada, por isso resolveu abrir luta contra ele, não indo dormir. Na luta contra o sono e o sonho, começou a sentir estranhos arrepios e contrações. Principiou a rezar e se agarrou no Cristo do crucifixo. Mas, até ele transformava-se, aos poucos: desceu da cruz e veio ao encontro de Magdá. Eis que a realidade se encontrava com o sonho. A consciência existia como aspecto real, por alguns momentos somente.

"Esta crise prostou-a de cama por dois dias". Entra em alucinações letúrgicas e isto agora é freqüente.

□ s interrogatórios a respeito de Luís eram feitos à Justiça que orgulhava-se em poder falar dele.

Magdá vivia dividida entre o mundo do sonho e o da razão. No mundo da irrealidade recebeu a visita do pai, Rosinh'a, a mãe e a avó do moço da pedreira, quatro marinheiros e um oficial, na Ilha do Segredo. Magdá descobriu que Fernando estava entre eles. O pai ao saber do nascimento do neto fica satisfeitíssimo.



No sonho, a realidade de Magdá, se realizava: casara, teria um filho, o pai não a desprezava e recebeu, de casa, todos os objetos que lhe eram caros. Novamente a'pareceu o oonspiente interferindo no inconsciente através da coerção social. Antes do casamento, no sonho, discutira com Rosinha.

Magdá continuava, num crescente conflito interior, a ter os sonhos, o sono letárgico e a histeria aoelerando-se para o desequilíbrimental.

Nasceu o filho de Magdá e Luís, com muita tranqüilidade. Ele se parecia com Fernando... Os sonhos de Magdá existiam, agora, por causa do menino. Magdá não lutava mais contra os sonhos porque era neles que ela encontrava a sua realização. Ela preferia o sonho à realidade: esta era amaldiçoada por Magdá, aquele era provocado por ela.

Chegara o dia de trazerem a famosa cama de jacarandá, presente do padrinho de Luís. Magdá, da sua janela, observava t\_odos os movimentos do pessoal, carregando-a para a casa de Luís e Rosinha. "Estranho abalo prenha-lhe nos sentidos aqueça escandalosa exibição de cama em pleno ar livre". Esta ocorrência bastou para que Magdá' reiniciasse suas Imaginações fantásticas. A cama transformava-se na casa fabulosa da Ilha do Segredo e, como num passe de mágica, Magdá estava ao lado do filho Fernando e de Luís.

Esta realidade fantasiosa confundia-se com a vida real de Magdá a ponto dela mencionar o nome do filho pedindo que Just<sup>o</sup>na lhe desse leite. No entanto ainda conseguia dissimular, pois voltava ao estado normal, de imediato.

A família de Rosinha e Luís conheciam a patroa de Just<sup>o</sup>na e sempre interrogavam pela sua saúde. A criada, conformada, dizia que era "moléstia de família" e que a mãe acabara mal, também.

Magdá prosseguia na desetifreada impaciência de estar

junto ao filho, em quem pretendia refugiar-se - "no seu Fernando, no seu amado, que era todo casto, amoroso e lindo".

Procurava provocar o sonho mas não conseguia.

Não se sentia doente, porém algo de estranho ocorria: "a vida real parecia-lhe agora o sonho, e o sonho afigurava-se-lhe a vida real". Os fatos confundiam-se. Dos verdadeiros episódios não lembrava, entretanto as menores particularidades da vida fantástica não eram esquecidas.

Certa vez, ao espelhar-se, assustou-se com a própria figura cadavérica. Não acreditou. Desesperou-se e começou a falar e a gritar tão alto que Justina veio correndo socorrê-la. Magdá estava consciente de que estivera sonhando.

A filha do Conselheiro pediu a Justina que chamasse Luís e Rosinha pois ela queria presentear-las pelas núpcias. Depois saiu para passear com o pai. Não reconheceu os objetos familiares. De noite, na cama, ficou sentada a olhar o crucifixo e alheou-se de tudo o mais. Era a letargia. O sonho voltou e Magdá ficou feliz em rever o filho e o marido que transparecia na imagem de Cristo. Contou a Luís o que tinha passado, "sonhando" e, afirmou que tudo era tão real como a conversa e a vida dos dois naquele momento. Estranhou nunca "sonhar" com o filho, apesar de estar pensando sempre nele nos "sonhos". Voltou à consciência depois de dezesseis horas.

Magdá recebeu a visita de Luís e Rosinha, ofereceu-lhes vinho e... os dois oairam, e começaram a ter convulsões até a morte. Magdá ria olhando-os, assim, aniquilados. Correu Justina a gritar. O Conselheiro não sabia o que fazer e a sua filha delirava de satisfação.

Quando interrogada, afirmou que matara porque Luís era seu marido e ele a enganara com Rosinha. Foi conduzido à Casa de De-ÉBhçãõ em completo desvario. (43)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 42 - CAVALCANTI, Carlos - História das Artes. Rio de Janeiro  
Editorial Sul Americano. 1970, 2 v. p' . 184.
- 43 - AZEVEDO, Aluísio - D Homem. São Paulo. Livraria Martins  
Editora. 1970. p. 29 - 221.

QUARTA PARTE

## 1. Nagdá: personagem e histeria

A mulher em o Homem era considerada unicamente como um elemento indispensável para a perpetuação da espécie: a "fê<sub>e</sub>mea" procurando, instintivamente, o macho que ela escolheu entre muitos. Schopenhauer, no problema o Mundo Como Vontade, enfocou algo que se adapta perfeitamente ao jogo homem-mulher como conti<sub>n</sub>uidade da espécie:

"A metafísica do amor gi-ra em torno desta subordinação do pai à mãe, dos pais ao filho, do indivíduo à espécie. A lei da atração s<sub>e</sub>xual faz que na escolha do companheiro predomine, embora inconscientemente, a adaptabilidade para procriar". (44)

Não resta dúvida que a mulher, como "fêmea", luta pela sobrevivência do seu insti<sub>n</sub>to de reprodução e, tanto ela será maior, quanto maior for seu estado psicológico de irrealização, neste tocante.

Em o Homem, Nagdá não estava revelando a mulher - povo mas sim uma vítima da sua sociedade, cheia de preconceitos m<sub>a</sub>rais e preocupada com a sua educação de colégio de freiras. O pu<sub>d</sub>or era o freio para Nagdá. Ela não se aceitava; no entanto, não reagia, também.

o Homem inicia de maneira tranqüila e Nagdá não refle<sub>t</sub>ia o grande caos em que vai submeter-se sua mente ingênua, d<sub>e</sub>ficil e imatura. Transparecia, nas primeiras páginas, uma menina normal com problemas sentimentais e algum mal físico desconhecido.

No decorrer da narrativa, o autor pincelou as retrospe<sub>t</sub>ivas da vida familiar e social de Nagdá de maneira a se sentir que o passado interferiu na sua conduta moral e psíquica, assim

como a repressão social aniquilou a personagem,

A histeria, na personagem principal de □ Homem, enfocava, no Naturalismo brasileiro, um caso a ser desvendado pela psicanálise e, como o presente capítulo tem o intuito de apresentar o romance como sendo exemplo característico de experimentação científica na literatura, mostrando o desencadeamento da histeria, ater-se-á à apresentação, propriamente dita, sem esgotar a psicopatologia individual.

Magdá, no seu passado de menina, possuía, como lembrança, uma vida normal, de acordo com a época: educação primorosa em colégio de freiras, um pai bondoso que lhe fazia as vontades e ambiente social privilegiado. No entanto, perdera a mãe logo ao nascer e este é outro grande branco em sua vida.

"Enviuvou pouco depois do nascimento de Magdá, único fruto de seu matrimônio;... [45]

Dentre todas as influências que, de alguma maneira, interferiram no desencadeamento histérico, a afetividade por Fernando, adicionou-se de forma preponderante no caso.

"Eoitadinha; Havia dois anos que se achava nesse estado. Pode-se todavia afirmar que começou a sofrer desde a fatal ocasião que a convenceram da impossibilidade do seu casamento com Fernando". (461

Magdá começou a demonstrar certos transtornos emocionais quando Fernando lhe anuncia a sua viagem para a Europa. Recebeu um choque emocional e decepcionou-se.

"- Ainda pensavas nisso?.., gaguejou por fim, sem ânimo de encará-la. E acrescentou depois, percebendo que ela não se mexia: - Parto daqui a dois dias para a Europa e não sei quando voltarei.....

Magdá sentiu um calafrio percorrendo - lhe o

corpo, um punho de ferro tomar-lhe a boca do estômago e subir-lhe até a garganta, sufocando-o - a " . (47]

De imediato, correu para o quarto onde sua decepção deixou-se transparecer através do choro convulsivo. Reagiu, pedindo ao pai que marcasse casamento com Martinho de Azevedo. Repentinamente, voltaram-lhe as energias. Queria ferir Fernando, emocionalmente. Notou-se Magdá soerguendo-se, lutando.

Ao saber da verdadeira razão da indiferença de Fernando, a filha do Conselheiro entrou em conflitos interiores. A realidade parecia ter causado confusão na mente da jovem-mulher apaixonada.

"Fernando não se casa contigo, porque é teu irmão . . . .

Magdá retraiu-se toda, como se lhe tivesse passado por diante dos olhos uma faísca elétrica, e fitou-os sobre o pai, que abaixou a cabeça num angustioso resfolegar de delinqüente". (48)

Seu humor irregular deixava-se transparecer através da influência de um objeto, cores ou mesmo a sugestão de um fato que, de certa, maneira, corroboravam para identificá-los aos fenômenos subjetivos ou, até, objetivos, em Magdá.

O motivo, em quase todas as reações de Magdá, está ligado ao caso amoroso desvanecido. O fato ocorreu na realidade mas a jovem-mulher não aceitava, interiormente, a questão. Ela já havia escolhido o seu companheiro, por impulsos sentimentais sexuais.. Magdá desabrochara. A menina dócil, ingênua e alegre não poderia esquecer suas "primeiras seduções da mulher" nos seus devaneios sentimentais. Eis porque a jovem-mulher, pela vontade inconsciente, não aceitava a dissipação do casamento com Fernando.

Isto estava ligado, inconscientemente, aos abalos nervosos que, de certa forma, tenderam a um crescendo na imaginação traumatizada de Magdá.

De início, conseguira dissimular as crises nervosas, denunciando um caso de pouca importância. Aos poucos, porém, Magdá foi se transformando fisicamente; modificando-se nas reações emotivas; alterando-se nos hábitos alimentares, entretanto, continuava aristocrata. Era ativa. Cumpria os seus deveres de dama para com a sociedade.

Passava semanas inteiras muito bem de saúde, entretanto ocorriam-lhe nevralgias, sobreexcitações nervosas ocasionadas por simples observação de ocorrências que lhe repugnavam ou lhe causavam certas dores terríveis.

"Uma madrugada, em que a tia foi acometida de cólicas horrorosas e sobressaltou a família com seus gritos, Magdá sofreu tamanho abalo que, durante dois dias pareceu louca". [49]

O barulho, o odor, o movimento vermicular de certos répteis, a presença de aranhas, rãs e morcegos "causavam-lhe arrepios de febre". A alimentação tornava-se estravagante e insuficiente para mantê-la fisicamente; denotava perda de peso e Dr. Leão preocupava-se.

"É preciso não passar dos vinte que depois quem tem de agüentar com as maçadas sou eu compreende?" (SQ)

Sabe-se que os seres humanos estão na dependência de certos desejos fundamentais, conforme teoria de Freud, em graus maiores ou menores de inconsciência, e nossa vida mentalizada a comoda-se de maneira a permitir maior satisfação possível aos desejos. Aos obstáculos, para a realização dos desejos, são utili



zados meios para vencer tais dificuldades, operadas no inconsciente e nunca na realidade.

Magdá deixou transparecer, na despedida das cartas que endereçava ao irmão e nos solilóquios reveladores da sua interioridade, a repressão do desejo, referido no parágrafo anterior.

"E assinava sempre "Tua irmãzinha que te estremece - Madalena". (51)

"..... sabia de antemão que não e\_n \_  
contraria nenhum amante estermosõe apaixonado;  
..... A época dessas tolices já lâ se hã  
via ido para sempre;..." C52]

Fernando morreu. Magdá, não reagira, de imediato, como era de se esperar. Entretanto, teve pesadelos a noite e principiou a temer o escuro.

Duas semanas após a morte de Fernando, o simples saltar de um sapo transtornou-a o suficiente para que ela sentisse uma reação de estrangulamento. Perdeu os sentidos e teve convulsões. O caso nervoso aprofundava-se e veio tendenciando à doença temida por Dr. Lobão.

"Esteve assim um pouco: afinal perdeu os sentidos e começou a espelinhar-se na cama, em convulsões que duraram quase uma hora". (533)

Eis que o médico alertava o Conselheiro para que não se descuidasse e, referia-se a Magdá de um modo especial: considerava a jovem-mulher não como pessoa suscetível de reações psicológicas mas como mulher sujeita às trâmites reprodutivas.

"- Diabol Faz lástima que um organismo tão rico e tão bom para procriar, se sacrifique deste modo.' Enfim - ainda não é tarde; mas, se ela não se casar quanto antes - hum... humi... Não respondo pelo resto!

.....  
 ..... Não pediam - exigiam - reclama-  
 vam ;

- E se não se lhes dá o que reclamam,  
 prosseguiu, - aniquilam-se, estrangulam-se, cõ  
 mo leões atacados de cólera;" (54]

Notava-se, que aos poucos, vários fatores confluíam p\_a  
 ra esclarecer o fenômeno vivido por Magdá: a reprodução como o  
 jetivo fundamental da criatura humana, - o desejo reprimido por  
 questões morais, ligadas à coerção social; e, finalmente, o sent\_  
 mento refreado por deveres sociais de dama. A ciência, na voz do  
 Dr. Lobão, representava o elo entre as reações biológicas da doen\_  
 ça;6 o fatalismo, na voz do povo, denotado por Rosinha.

"- Não sei, filha, moléstia de família. ü  
 doutor disse outro dia que a mãe também acabã  
 ramal. "

(ü grifo é nosso] (55]

" -Não: Alto lá; issonão.' Ahisteria pã  
 de ter várias causas, nem sempre é produzida pela  
 abstinência; seria asneira sustentar o contrá  
 rio." (56]

A repressão social, encarada pelo médico, representava  
 uma crítica à atitude individual na sociedade.

"- Noutras circunstâncias, sua filha não  
 sofreria tanto . . . nada disto teria até conse-  
 quências perigosas; mas impressionável como  
 é, com a educação religiosa que teve, e com  
 aquele caraterzinho orgulhoso e cheio de in\_  
 transigências, se não casar quanto antes, irá  
 padecer 'muito; irá viver em luta aberta consi\_  
 go mesma!" (57]

Magdá prosseguia nos seus abalos nervosos, agora ' com  
 "desassossego do corpo e do espírito": chorava por causa da mús\_  
 ca triste e emocionava-se com romances amorosos.

Dr. Lobão, tendo observado :’iua paciente, arriscou, sem constrangimento, uma de suas conclusões sobre a causa da doença:

“..... As minhas observações não me enganam: ela tem qualquer amor contrariado que não me confessa; e você com certeza sabe de tudo e cala o bico por conveniência...” (58 ]

Novo ataque, mais intenso que o primeiro aparece em Magdá, justamente provocado pela visão, no colarinho do Conde Valadares (pretendente para Magdá), de um inseto.

“Fez-se uma desordem geral na sala; Magdá foi carregada a pulso para o quarto dando de pernas e braços por todo o caminho.” (59)

Na Europa voltou-se para a religião e até chegou a ter Idéias de entrar para o convento. Numa das visitas aos túmulos - mania de Magdá - começou a chorar, depois de olhar longo tempo para o túmulo de Heloísa e Abelardo (símbolo do amor impossível] p’o’-e-sB a dançar e cantar. Repentinamente desandou a gritar e rasgar a roupa até que caiu desfalecida. Era o período da coréia e das convulsões. (60)

Aconselhada por sua tia Camila - “cuja beatice emperrêda com o tempo e já tresandava a idiotia” (61) - aprendera uma oração que deveria rezar quando ela sentisse “formigueiros na pele e comichões por dentro.” (62]

“Jesus, filho de Maria, príncipe dos céus e rei na Terra, senhor dos homens, amado meu, esposo de minha alma, vale-me tu, que és a minha salvação e o meu amor! Esconde-me que rido, com o teu manto, que o leão me cercai..

.....  
Amado do meu coração, espero-te esta noite no ...  
meu sonho, deitada de ventre para cima, com os peitos bem abertos, para que tu me penetres até ao fundo das minhas entranhas e me

ilumines toda por dentro com a luz do teu  
divino espírito .....  
....." (63)

A proibição feita pelo pai com relação "às místicas entrevistas" com Cristo deixaram Magdá traumatizada. Iniciaram-se as convulsões e uma "febre de carácter especial" que Dr. Lobão previa como sendo a aproximação da letargia.

A letargia é o sonho patológico. Uma semi - i n c o n s c i ê n c i a ressaltava o caso, mostrando o personagem fora da sua realidade psicológica. Este sono pode durar minutos ou muitas horas.

"No fim das contas apareceu-lhe de novo a tal febre de carácter especial; agora, porém, com delírios e movimentos luxuriosos, sobrevindo uma profunda letargia, contra a qual eram inúteis todos os recursos do médico". (64)

Magdá, num crescendo rápido, encaminhava-se para a histeria aguda. Depois da morte de tia Camila, sofreu um novo ataque de coréia.

"Nessa ocasião, Magdá acabava de levantar-se e marcava compassos de música com o dedo sobre a mesinha, dançando com o corpo de um para o outro lado, numa cadência inajustável, sem tirar a ponta dos pés do mesmo lugar e movendo os calcanhares suspensos do chão .

- Uml dois: - Uml dois! - Um; doisi  
Era o novo ataque de coréia." (65)

■V  
O episódio do passeio até a pedreira refletiu-se no estado doentio de Magdá e adicionava-se como efeito para os sonhos que passava a ter ocasionalmente. No sonho havia um herói - o ca  
vovueiro - que realizara o desejo reprimido, na realidade, e  
transformara Magdá, tornando-a livre dos preconceitos morais e

sociais. O pai representava o aristocrata - por isso o tratamento S. Ex? - preso aos deveres para com a sociedade. Neste sonho

Magdá sentia-se desprezada pelo pai. (66]

Os sintomas de histeria prosseguiam e Magdá aniquilava-se fisicamente: estava magra, pálida, fraca e o rosto frio. [67]

Slater e Roth, no volume Psiquiatria Clínica, apresentaram um esclarecimento sobre anoxeria nervosa, que poderia degenerar em manifestações de histeria.

"Fisicamente o paciente é magro. O metabolismo basal reduz-se bastante, há uma queda de pressão arterial, a circulação nas extremidades torna-se pobre, as mãos e os pés ficam frios ou até azulados." (68]

Magdá, sonhando com o seu "herói", apresentava-se aniquilada. A sua pele fria denotava uma das características do estado doentio que aparecia num crescendo. Cada episódio real deixava transparecer na paciente do Dr. Lobão aspectos físicos deploráveis.

"Diabo de uma esganiçada, que parece que está parte não parte pelo meio! Ontem, quando a trouxe, tive medo de chegar cá embaixo com um pedaço em cada mão!" (69)

"- Tu restituis-me a vida... respondeu Magdá, cingindo-o pelos rins e pousando a rosto abatido e frio sobre o colo vigoroso e largo do amigo." (70)

V

"Sim, mas eu não posso ir muito longe..  
..... Sinto-me tão fraca....." (71)

"Achou-se estranhamente, abatida e muito descorada....." (72)

As crises nervosas pelas quais passava Magdá, somavam-se aos aspectos físicos, já mencionados, corroborando na comple

xidade da personagem como personalidade acometida por distúrbios psicológicos em ascendência incomum.

O sono, como manifestação funcional de aparência orgânica, conduzia Magdá para o onirismo, como distúrbio psíquico. O sono deveria fornecer tranquilidade, equilíbrio físico-mental, mas surgia o sonho referindo a idealização de uma realidade reprimida. Era feliz. Readquirira a beleza física. Recebera o pai na Ilha do Segredo. Tivera a invulgar experiência da maternidade.

"- Como sou feliz agora,, meu amigo .....

....." (73)

" - Como estás bela! Como estás bela! Abençoada gota de sangue que te dei!" (74)

Magdá reconheceu então que o oficial era o Conselheiro, vestido e remoçado como num retrato a óleo, que ele tinha no seu gabinete de trabalho em Botafogo." (75]

"Preparou-se o ninho e ela deu à luz sem a menor dificuldade, nem o mais ligeiro vislumbre de dor; um parir silencioso e tranquilo como o dos vegetais.

Era menino.

.....

E a partir daí, Magdá, vivia nos' seus sonhos exclusivamente para o filho." [76]

A Irrealidade deixava-se transparecer, na Ilha do Segredo, quando Magdá era lembrada do pudor que a sociedade lhe impingia. O Id e o Ego entravam em luta no sonho também. A personagem era atormentada por lembranças da sua realidade.

"...a prisioneira, estarecida no chão, aquejava, cruzando as pernas e os braços para esconder as suas partes vergonhosas. Afinal chegaram os outros entre os quais vinha Luís, agora mais composto por uma capa, que o Conselheiro lhe pusera aos ombros. O primeiro ' a

aproximar-se dela foi Fernando, que despiu lãgo a manta e estendeu-a sobre a nudez da irmã” . ( 77)

Ainda não foi alterada a estrutura da consciência, pois quanto Magdá estava ligada, no sonho, à realidade objetiva, no aspecto moral (pudor) que gerava tais conflitos interiores nesta personagem.

Sentia odores estranhos e perturbava-se com isto. . . □ gosto de sangue na boca tornava-a, nervosa. Chorava, sem motivo aparente. Andava irriquietamente, sem demonstrar cansaço. Dr. Lobão preparava o espírito do Conselheiro para o terceiro período da morte.

Magdá lutava contra o sono para que, com isso, não voltasse a sonhar. Conscientemente envergonhava-se das fantasias de que era vítima nos sonhos' com o cavouqueiro.

O terceiro período " prostrou-a de cama por dois dias". Teve febre e delirava. Falava coisas estranhas. Quando voltou a si estava irreconhecível.

"Estava cadavérica; os olhos muito fundos; as faces cavadas e a pele estalando em pequeninas rugas, como porcelana velha. " (78)

Magdá teve novas alucinações letúrgicas. Voltando a si ficava atônita, olhando para um ponto fixo, chorando ou sorrindo, neste meio tempo.

Certo dia revoltou-se. Exacerbou-se. Estava nervosa por ter visto Luís e Rosinha de braços dados. Reagiu contra um casal, miniatura de Miguel Angelo, que representava o Amor e Desejo, quebrando-o.

"Um casal de quinze anos preso pelos lábios em um beijo ideal e ardente. Quando o Conselheiro, deveras contrariado, perguntou

quem havia quebrado a escultura, ela respondeu sem se alterar:

- Foi a Justina, papai; mas não lhe dá nada, coitada!" (79)

Eis que a personalidade de Magdá refletia um dos aspectos do caráter histórico: mltomania. (80)

"Assim, tendo uma vez matado um casal de rolas que havia na sala de jantar, só porque o surpreendera em flagrante delito de procriação, não só fugiu à responsabilidade do ato, como ainda afetou grande desgosto pela morte dos brutinhos, chegando a revolucionar toda a casa para descobrir o suposto assassino." (81)

E o sonho prosseguia, pois "se projeta do inconsciente e é basicamente uma resposta individual aos conflitos do sujeito." (82) A vida continuava em "duplicata": contrastantes e inimigas.

"Não podia ser mais feliz do que era ao lado do seu fantástico amante; ah! mas bem caro pagava depois essa felicidade, quando, acordada, o seu orgulho de mulher honesta abria em luta contra as degradantes lubricidades do sono." (83)

Novas manifestações funcionais de aparência orgânica: perturbações sensoriais e delírio. Magdá não se apercebera que tinha acordado e prosseguia agindo na realidade, como se estivesse sonhando. Era o mundo fantasma ou da fantasia.

"...é um produto também individual que se dá numa atmosfera onde se superpõem consciente e Inconsciente." (84)

"- Está tudo pronto! Já chegou o padre com os seus ajudantes; meu noivo deve agora parecer lindo como um Deus! Vou perfumar-me



e fazer-me bela, para que ele mais se abra-se de amor assim que me veja...

Era o delírio que prossegüia, mesmo sem a intervenção do sono." [05]

As fantasias eram constantes na realidade de Magdá. O real não lhe interessava mais porque havia um motivo deveras importante no mundo dos sonhos: seu filho. Por causa dele "começou a preferir o sonho à realidade." Começou a detestar a realidade e provocara a vida fantástica, através do sono, tomando medicamento para dormir imediatamente e por mais tempo. Estranhamente, não sentia mais aversão pelo cavouqueiro e, inclusive, aceitá-lo-ia em sua casa (assim pensava ao vê-lo trabalhando na pedreira]. E, Magdá confundia a realidade com a fantástica vida de sonho.

" - Não! Não! aquela que ali estava não era eu..... Bem sei que isto não passa de uma extravagância de sonho' . . ." (86 ]

As alucinações pelas quais Magdá passava, tanto visuais como auditivas, complicavam-se a cada crise que lhe sobrevinha, culminando no desajuste entre real e sonho.

" - O que mais me admira, porém, de tudo isto, é que eu sonhe com todas as pessoas da minha convivência; contigo, com papai, com nossa criada Justina, com a família desta, - e jamais com meu filho. . . nunca sonhei com ele : ' ' (87]

A sua realidade era a do sonho. Sua vida real consistia na anormalidade e, a irreal apresentava-se ideal para Magdá. A confusão mental existia, na realidade, mas pouco podia lembrar das ocorrências diárias.

As alucinações transpareciam na mente da protagonista, seja pelo sonho, seja pela visualização de fenômenos estranhos.

como o caso de Cristo saindo da cruz e transformando-se no Luís do sonho. Normalmente, as alucinações eram sugestionadas pelos fatos ligados ao indivíduo, na vida real. Os conflitos da realidade transformavam-se em visões.

” - Magdá:

Voltou-se com um gemido rouco e caiu de joelhos defronte da imagem, toda trêmula e gelada.

Tinha reconhecido a voz do Seu amante fantástico”. (88]

Havia, em o Homem, dois espaços: o das idéias, que era um espaço simbólico; e o das atitudes, o real. Com o desencadeamento da histeria, Magdá optava pelo espaço simbólico já que seus ideais realizavam-se no sonho. As alucinações eram sintomas desta afecção mental. As imagens da histérica denotavam uma vivência real no sonho, tão evidente, que a doente não se conscientizava da vida imaginária pela qual passava.

Charcot estudou um tipo de períodos de convulsão que se transformam em delírios prolongados ou de curta duração. Magdá parece estar integrada neste tipo de histeria que vai adquirindo graus elevados de complexidade patológica, degenerando no total descontrole da realidade. Portanto, as alucinações que apareciam em Magdá denotavam o seu mundo imaginário mais autêntico na mentalidade da personagem psicopática que no seu mundo das realidades; o final da narrativa, inclusive o assassinato, parecia uma ilusão para Magdá. Ela somente se desvendou quando, não delírio, ao ser conduzida para a Casa de Detenção, não encontrou nem o marido imaginário, nem o filho (na sua Ilha do Segredo]. ”

”E então a idéia do envenenamento de Luís e Rosinha veio-lhe à lembrança com o pânico de um sonho pressago.” (89]

O término do romance apresentou Magdá ligada ao problema sentimental com Fernando. O inconsciente agiu para determinar que a vontade, no indivíduo, era mais forte que a razão ou o instinto. Magdá chamava por Fernando e deixava transparecer seu estado patológico. Era a histeria aguda em último grau. Era uma mente insana deixando-se guiar pelo que de mais real e verdadeiro existia em Magdá. Era a vontade dominando a razão. □ inconsciente dando, finalmente, o grito vitorioso, terminou por aniquilar a personagem.

"Em seguida começou a engatinhar, firmada nas mãos e nos joelhos, resbunando prolongadamente, com o pescoço estendido, a boca virada para o alto:

- Fernando; Fernando!

Corria a.m - lhe lágrimas pela face. De repente, ergueu-se e caiu de novo em fúria, a que rer dar cabo de tudol..." (9o3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 44 - DURANT, Will - História da Filosofia. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1956. p. 41 - 42.
- 45 - AZEVEDO, Aluísio - O ornem. São Paulo. Livraria Editora Martins. 1970. p. 31.
- 46 - idem, p. 32.
- 47 - idem, p. 43.
- 48 - idem, p. 47.
- 48 - idem, p. 52.
- 50 - idem, p. 54.
- 51 - idem, p. 53.
- 52 - idem, p. 55.
- 53 - idem, p. 56.
- 54 - idem, p. 58.
- 55 - idem, p. 193.
- 56 - idem, p. 58.
- 57 - idem, p. 59.
- 58 - idem, p. 63.
- 59 - idem, p. 65.
- 60 - idem, p. 66 - 67.
- 61 - idem, p. 68.
- 62 - idem, p. 69.
- 63 - idem, p. 69 - 70.

64- idem, p. 82.

65- idem, p. 87.

66- idem, p. 98 - 104.

67- idem, p. 117.

68 - SLATER e RDTH, Mayer - Gross - Psiquiatria Clínica. São Pa\_u \_  
lo. Editora Mestre Jou. 1972. I volume, p. 132.

B | - idem 40, p. 109. ■ ■

70- idem, p. 117.

71- idem, p. 126.

72- idem, p. 130.

73- idem, p. 118.

74 - idem, p. 146 .

75- idem, p. 165.

76- idem, p. 178.

77- idem, p. 167.

78- idem, p. 162.

79- idem, p. 163.

80 - LIMA, Leonardo Peretra - Dicionário de Psicologia Prática.  
São Paulo. Honor Editorial Ltda. II V. 1970. p. 274-276.

81 - idem 40, p. 164.

82 - SANT'ANNA, Affonso Romano de - Literatura - Psicanálise.  
Rio de Janeiro. Pontificia Universidade Católica do Rio  
de Janeiro. 1975. Conferência, p. 13.

83- idem 40, p. 164.

84- idem , p. 13.

85 - idem , p. 171.

86 - idem, p. 203.

87 - idem, p. 208.

88 - idem, p. 156.

89 - idem, p. 219 - 220 .

90 - idem, p. 221.

## 2. A Personagem histérica enfocada literariamente

A personagem histérica denota uma caracterização anômala da sua personalidade enfocada de um modo especial, tendo em vista a profundidade literária em demonstrar um fato social, histórico, filosófico ou psicológico.

A histeria, como neurose desencadeada por diversos fatores, foi apresentada no capítulo três, enfocando um estado psicológico. Agora, far-se-á uma análise da personagem acometida por conflitos interiores, buscando uma justificativa na abordagem literária.

Inicialmente, enfocando o Homem, de Aluísio Azevedo, apresentar-se-á Magdá, personagem deslocada pelo crescente problema interior que vivia. Ela refletia, não somente uma personagem literária dentro do Naturalismo, como também um caso de deslocação - conforme terminologia de Ezra Pound - "convencionalizando o conteúdo numa direção idealizada" (91] exatamente para representar, pelos sintomas, uma colocação realista do problema vivido em Magdá. Deslocação, porque esta personagem fornecia, no decorrer da narrativa, exemplo vivo do que seja romance experimental, baseando-se naquilo que Claude Bernard aperfeiçoou na Medicina e Émile Zola comprovou na Literatura. Trata-se da experiência científica de um caso a ser estudado, conforme características do Naturalismo. Nisto se pode entender que não só a histeria era apresentada, mas, através dela, surgia um alerta sintomático aos problemas psicológicos e uma conscientização humana frente aos conflitos que desencadeavam em doenças neuro-patológicas. No prólogo o esclarecimento do autor principia a problemática que será abordada no romance:

"Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquio a quem o escreveu."

( 92)

Como segundo passo, uma abordagem psicológica, enfocando Freud e Jung, para interpretar alguns episódios significativos de o Homem, como obra Naturalista.

"Por sua vez, a crucial limitação da abordagem psicológica é a sua ineuficiência estética: embora a interpretação psicológica possa dar-se ao luxo de muitos indícios profundos para a solução dos mistérios temáticos e simbólicos de uma obra, ela raramente pode explicar a bela simetria de um poema bem lavrado ou de uma obra-prima de ficção; embora a abordagem psicológica seja um instrumento excelente para se "ler nas entrelinhas"....."

(93)

Por último, a interferência da linguagem conotando mais outra tomada de posição naturalista : os vocábulos refletem a intenção porque são expressos ao lado de conflitos interiores de uma personagem mentalmente anormal. Há, nisto tudo, "uma visão analógica entre a vida orgânica e a vida social." (94) Há, ainda, uma correlação do homem com outras espécies inferiores, concorrendo para tecer comparações entre as classes sociais inferiorizadas pela exploração do homem pelo homem, ou pelas degradações morais .

V

## 2.1. Magdá; personagem modelada.

Magdá é personagem circular pois demonstra vida interior - tudo que vive está na dependência do "vir a ser" dentro dela - e apresenta-se complicada.



Ao conllocermos a personagem, surge-nos uma figura triste, magoada e destituída de força psicológica. Está alheia ao mundo exterior. Parece divagar em pensamentos longínquos.

"Madalena, ou simplesmente Magdá, como em família tratavam a filha do Sr. Conselheiro Pinto Marques, est'ava, havia duas horas, estendida num divã do salão de seu pai, toda vestida de preto, sozinha, muito aborrecida, a cismar em coisa nenhuma; a cabeça apoiada em um dos braços, cujo cotovelo fincava numa almofada de cetim branco bordado a ouro; e a seus pés, esquecido sobre um tapete de peles de urso da Sibéria, um livro que ela tentara ler e sem dúvida lhe tinha escapado das mãos insensivelmente." (95)

A solidão e a tristeza são resultantes do conflito interior que se travou em Magdá ao descobrir a verdade referente a Fernando. É a luta que se inicia entre a realidade a ser enfrentada e a irreabilidade vivida. Não há reação mas abandono, inexplicável racionalmente. A inconsciência apresenta-se vestida de mágoa. Parece denotar uma personagem plana, abúlica e simples mas eis que nos surge Magdá conduzida, aos poucos, pelo inconsciente que tenta precipitar-se no seu consciente. Esta personagem deixa transmitir complexidade no decorrer de sua apresentação. Aos poucos ela é conhecida pelo seu lado patológico.

"Terminada a crise de soluções, Magdá sentiu uma estranha energia apoderar-se dela; uma necessidade de reação: andar, correr, fazer muito exercício; mas ao mesmo tempo não se achava com ânimo de largar a cama." (95)

□ a mesma forma que se abate em desânimos, reage tomada de intuito vingativo com relação a Fernando. Nem seu pai compreende suas súbitas resoluções, pois Magdá não havia aceito a idéia

de ser colocada de lado. Novamente a personagem deixa transparecer seu mundo interior para que possamos ampliar a gama de informações a seu respeito, é complicada e age de maneira a enfocar aquilo que interiormente não aceita e racionalmente não compreende, entretanto o seu inconsciente não reluta em aparecer.

"- Mas fale de uma vez! Não vê que as suas meias palavras me põem doida?...

.....

- Não acreditas em teu pai, -. . .

- Não sei; acredito é que entre o senhor e ele há uma conspiração contra mim. Querem en-  
godar-me com mistérios que não existem, como se fosse alguma criança! Ah! Mas eu mostrarei que não sou o que pensam!" (97]

Ao lado das reações dirigidas, em parte, pelo intelecto e, em outra grande parte, pela afetividade, eis que Magdá sofre um choque resultante da conscientização intelectual e emotiva referente ao aspecto sentimental que a ligava a Fernando.

"- Fernando não se casa contigo, porque é teu irmão . . .

Magdá retraiu-se toda, como se lhe tivesse passado por diante dos olhos uma faísca elétrica e fitou-os sobre o pai, que abaixou a cabeça num angustioso resfolegar de delinqüente." (98]

Mas a personagem age sob os apelos da razão, denotando maturidade e aceitação do fato que se apresentou. Esta resolução dura momentos e, com a mesma instantaneidade desta, surge uma reação inconsciente em Magdá: não aceita o irmão como tal mas o amigo de outrora.

"- Vá ter com ele ..... pediu Magdá chorando.

- Que me perdoe! que me perdoe! Diga - 1 he que eu não sabia de nada, e que sou' muito desgra \_

çadal Quando o Conselheiro saiu do quarto, ela tornou à cama, e daí a pouco delirava com febre." [99)

Prossegue a caracterização da personagem, denotando, ora tranquilidade, ora angústia penetrante a ponto de torná-la agressiva e Inaceitável. São aspectos que o pai desconhecia na personalidade da filha, principalmente quando reagia em termos de oposição; não havia uma linha direcional básica normal por quanto Magdá era acometida por repentes emocionais.

" - E eu que cheguei a supor que eras um homem mau... balbuciou, com uma voz tão arrependida, tão humilde e tão meiga, que o rapaz a apertou contra o seio e deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

Magdá estremeceu toda, teve um novo suspiro, e deixou-se cair sobre os travesseiros, com os olhos fechados e a boca entreaberta. Chorava." Í1(]0)

Seu humor declina de um polo a outro, totalmente imprevisível, demonstrando a cada passo uma atitude, uma passividade ou mesmo um temperamento que não se havia notado outrora.

" ..... ; e, como estas outras e outras perguntas, a que Magdá respondia por prazer, afinal Já importunada.

.....  
Magdá sentiu venetas de virar-lhe as costas e retirar-se.

- Não ouviu? Pergunto se tem tido muitos namorados I

- Não sei !

E ela afastou-se, enquanto o cirurgião refulgava :

- Que diabol Para que então me fazem vir cá ?... (101)

Magdá esforça-se por manter um controle sobre s'eu tem

peramento tendo em vista a personalidade social que tinha conseguido - é o poder social, a repressão e, talvez a vaidade e o orgulho em não desmerecer o título que lhe auferiram. Sua multiplificação interior se fez sentir mas seus deveres sociais ainda persistem.

"Alguns meses mais, e o que nela havia de menina desapareceu de todo, para só ficar a mulher. Fazia-se então muito grave, muito 'senhora, sem todavia parecer triste, nem conutrariada; as amigas iam vê-la com freqüência e encontravam-na sempre em boa disposição pará fazer música, dançar, cantar; tudo isto, porém, sem o menor entusiasmo, friamente, Cemo quem cumpre um dever. Vieram-lhe depois impertinências de tédio; tinha dias de muito bom humor e outros em que ficava impertinente ao ponto de irritar-se com a menor contreriedade. Não obstante, continuava a ser admerada, querida e invejada, graças ao seu inaluterável bom gosto, à sua linha ativa de proucedimento e a sua aristocrática beleza." (102]

A filha do Conselheiro sabia o quanto estava preocupando seu pai, mais ainda porque as festas mensais pesavam muito no orçamento familiar. Mas Magdá não se decidia a casar embora fizesse "íntimos protestos de resolução, e empregava todos os esforços para se agradar deste ou daquele que lhe parecia preferível; mas na ocasião de dar o "Sim" hesitava, torcia o corpo e, afinal, não se dispunha por ninguém." (103]

V

Os solilóquios que são apresentados refletem Magdá com pouca força psicológica em resolver seu problema sobre o casamento, como indicação médica e solução para os embates econômicos da sua família. A consciência da personagem é a realidade mas as soluções que merecem atenção de Magdá, não aparecem cia

ramente porque ela está em conflito consigo mesma.

"Estava disposta a casar, que dúvida! ITI as também não queria fazer alguma irreparável doidice, que tivesse de amargar em todo o resto da sua vida...

Nem se julgava nenhuma criança, para não saber o que lhe convinha e o que lhe não convinhal Enfim, a sua intenção era, como se diz em gíria de boa sociedade: "Casar bem." , Simi uma vez que o casamento era ãrranjado ^ quele modo;.....'.....  
um homem de gênio suportável, com um pouco de mocidade e uma fortuna decente.....

Nada, porém, de se decidir, e o tempo a correr.' " (104]

Neste ponto já se pode caracterizar literariamente Ha<sup>^</sup>dá visto que ela deu condições para que se comece a tecer concljjsões sobre sua persona lidade, como personagem redonda.

Sua caracterização foi captada indiretamente, conforme ações que praticou no decorrer da narrativa e a respeito das s<sup>^</sup>tuações que apresentou como agente e paciente. Uma força interior começou a destruir a realidade racional de Magdá dando Ijjgar a um desajuste mental que resultou na deslocação da personagem normal para uma pseudo-vida na inconsciência, É consistente a sua caracterização como personagem circular e nisto se destaca a força interior - inexplicável de início, inaceitável por algum tempo e reconhecida como verdade e realidade, no estágio final de sua caracterização. Há também que se considerar que a psic<sup>^</sup>logia tenta apresentar a vida inconsciente não somente pelas p<sup>^</sup>lavras, mas através ds' forças ou elementos dinâmicos que sã"o perfeitamente identificados na observação comedida das ações praticódas pela personagem ou mesmo pelos indícios que ela deixa transcorrer no transcurso da sua vida afetiva e racional.

Magdá fornece indícios para sugerir que não esqueceu o grande amor por Fernando e nem se conscientizou do plausível: Fernando é seu irmão. Inconsciente, através de motivos os mais comuns, sobressaíla-se, possui temores incompreensíveis e chora ou grita, quando um abalo nervoso surge repentinamente.

"Por este mesmo tempo Magdá foi acometida por uma explosão de soluços, e chorava copiosamente, o peito muito oprimido." (105)

"(D drama, a música triste, o romance amoroso provocavam-lhe agora um choro, que principiava pela simples lágrima e acabava sempre em soluções convulsivos." (106)

Da inquietude passa à agressividade quando precisa decidir o casamento com o Conde do Valado. Primeiro sofre súbito ataque nervoso ao notar uma inseto cor de pinhão no colarinho do conde. Depois nega-se a casar com ele, de maneira insistente e agressiva. Não se justifica, nem procura racionalizar sua atitude irreverente. Magdá altera-se novamente e demonstra outro aspecto da sua personalidade imatura: não há resoluções reais conforme planejou há um ano. Não casa, não quer casar, especialmente com o Conde e, nem sabe a razão disto. Complica-se na apresentação mas esclarece, em detalhes mínimos, a sintomatologia desta doença nervosa.

Aconselhada pela tia Camila, dedica-se às orações, à igreja e colocava nisto tudo um cunho de exagero e uma metodização excessiva nas menores atitudes ou pensamentos.

"Os seus atos mais simples e os seus mais ligeiros pensamentos ressentiam-se de um grande exagero. Nunca se mostrara tão intolerante nos princípios de dignidade e na pureza de costumes nunca fora tão aristocrata, tão zelado

ra da sua posição na sociedade, nem tão convicta dos seus merecimentos e dos seus créditos" .( 107)

As atitudes de Magdá diferenciam-se a cada dia que passa: da credulidade na oração vai despertando nela uma afeição especial por Cristo. Ela se realiza comunicando, através das orações, palavras de enlevo, ternura e devoção ao Cristo da cruz. A personagem transfere seu problema para a religião, rezando ou invocando Cristo em auxílio de seus problemas interiores.

Nova repreensão: o pai proíbe Magdá de ir à igreja. Surgem reações: febre histérica, letargia.

A personagem altera-se, confunde-se mas consegue manifestar-se através de suas volições, ainda comandadas pela razão. Exaspera-se ao notar que o pai quer que ela se esforce para-a-melhorar.

"- Só parece que julgam que me faço de frente para contrariar aos outros! Se estivesse em minhas mãos, seria mais agradável a todos; não me ponho melhor e bem disposta, porque não posso;..."(108)

Alheava-se horas a fio na observação dos trabalhadores da pedreira: denotava curiosidade em conhecê-los melhor. Foi o que fez acompanhada do pai, apesar de ter sido aconselhada para ficar. Magdá sentia necessidade de conhecer estes homens que trabalhavam junto às pedreiras e, acometida por uma animação fora do comum, galgou o morro com rapidez. Era uma mulher cuja consciência trabalhava em benefício de reações mentais ditadas pela inconsciência. Fisicamente, Magdá estava despreparada. Chegou ao destino, entretanto desfaleceu de cansaço. Foi derrégada por um cavouqueiro, que se prontificou a aju

dar o Conselheiro, levando Magdá para casa. A filha do Cons\_e  
lheiro não ficou perturbada ao sentir-se nos braços de um homem  
a tal ponto que nem o suor do jovem trabalhador molestou Magdá.  
Reagiu de maneira incomum, denotando caprichosos enlevos da iri  
consciência a se manifestar visualizados através de seus gestos  
de gozo.

"... Ela afinal, teve um dobrado respirar  
de quem acorda, e entreabriu com volúpia  
os olhos. Não perguntou onde estava, nem iri  
dagou quem a conduzia; apenas esticou nervo  
samente os músculos num espreguiçamento de  
gozo e estreitou-se em seguida ao peito do  
rapaz, unindo-se bem contra ele, cingindo-  
lhe os braços em volta do pescoço com a avf  
dez de quem se apega nos travesseiros aquf  
eidos para continuar um sono gostoso e repf  
rador . ." t 1--0 9 J

Havia muito de desejo nesta minuciosa descrição da  
atitude de Magdá, assim como o fantástico projetado no con\_s  
ciente,, devido a fortes impressões ocorridas na mente da persf  
nagem.

E Magdá prosseguia, individualizando-se pélas atitjj  
des coerentes ou incoerentes, demonstrando uma personalidade dff  
entia mas com fortes impregnações volitivas. ü desejo era cof  
trolado na consciência, no entanto, pouco a pouco sua vida tof  
nou-se um emaranhado no qual o sonho predominou sobre a realidf  
de. Todas as reações da personagem eram adicionadas para' repef  
cutir na "modelação" de Magdá. Ela precisava demonstrar altf  
vez, cultura, honestidade e força de vontade que havia aprfendj  
do muitos anos atrás e por isto abriu luta contra a inconsciíf  
cia dominadora .

"Acordou muito nervosa e muito triste. O sf  
nho deixara-a num grande abatimento físico e



moral; pungia-lhe um como remorso de quem se arrepende de haver passado a noite em claro, no deboche. Sentia-se humilhada (110)

□ pudor dominava Magdá de tal forma que; ao lembrar de seus sonhos, ficava envergonhada e tentava se controlar, Re-traía-se ao recordar dos sonhos s'ensuais e, num esforço consci-ente, resôlveu reagir.

"Mas, pensava, que mal fizera a Deus p\_a-ra ser castigada daquela forma?.... Pois não bastavam já os seus padecimentos fís-cos, os seus desgostos e os seus tédiosi... Porque e para que ia então o criador descê-brir com tamanha falta de coração aquele nê-vo modo de tortura?.... Atacá-la no que ela mais encarecia - atacá-la no seu pudor...; Não; antes morrer; a\_n-tes mil v'ezes, do que suportar por mais tem-po semelhante desvario dos sentidos! Felizmente veio a reação; deliberou-se a abrir luta contra o sonho' '. (111)

Os sonhos, conseguiu controlá-los, por algum tempo, entretanto surgiram-lhe fenômenos misteriosos: reconheceu que a estavam ch.amando. A nitidez da ocorrência transmitiu-lhe pa-vor pois havia, na sua consciência desorganizada, uma realidade que não era caótica. Assim temeroso, rezou a oração que tia Cam-la lhe havia ensinado. Desesperou-se. Recebeu visões onde Criê-to confundia-se com o demônio e este com seu amado.

V  
"E caiu de bruços no chão, com um gri-to. E logo em seguida sem ânimo de erguer a cabeça, transida de medo, sentiu disti\_n-tamente que o Cristo se agitava na parede, como forcejando para despregar-se da cruz, e que afinal descia, pisava no chão, encê-minhava-se para ela e tocava-lhe de leve

com a mão no ombro, aproximando a boca, p\_a  
ra lhe falar ao ouvido. Magdá sentiu res\_  
cindia o cheiro da murta.

.....  
Magdá deixava-se embalar pela música  
sensual e mística destas palavras e o che^  
ro de murta. >E, já sem medos nem sobressa\_l  
tos, quedava-se imóvel e comovida, como se  
estivesse conversando em êxtases com um  
Cristo só dela, um Cristo destronado e sem  
orgulhos de Deus, um Cristo seu amante, fr\_a  
co, de carne, submisso e humano". [112]

A personagem vai se aniquilando pouco a pouco, 0  
seu aspecto- físico denotava cansaço, sofrimento e a mente de  
Magdá começava a se confundir. Sua vida estava presa ao sonho  
e este refletia uma não-realidade. Eis que a duplicidade de pes  
sonalidade principiava em Magdá. Eram experiências emocionantes  
pelas quais Magdá passou, demonstrando seus conflitos Interif  
res. Deixou transparecer, pelas alucinações visuais ou audlt\_i  
vas, o complicado fenômeno da personalidade acometida por traf  
ses de histeria num crescer seqüente.

Magdá já não reacionalizava suas atitudes mas sé def  
xava levar por fantasias que o Inconsciente se encarregou de s\_e  
dlmentar nas camadas mais sensíveis da sua realidade esvaecente.  
O sonho tomava o lugar da consciência vital de Magdá. A irrealj^  
dade, refletida nas atitudes inconcebíveis ã pessoa social de  
Magdá desconectavam uma personagem ao mesmo tempo que o seu com  
portamento e o Inconsciente trabalhavam na realidade consciente.

"Tanto que, já de noite, estando - a  
cismar na sala, com os olhos fitos num pã  
queno grupo de mármorees que aí havia, ef  
gueu-se, tomou-os nas mãos e, depois de o  
examinar com o rosto muito carregado, arrã  
messou-o de encontro ã laje da janela. 0

grupo representava em miniatura: "Amor e desejo", de Miguel Angelo - Um casal de quinze anos preso pelos lábios em um beijo ideal e ardente. - Quando o Conselheiro, deveras contrariado, perguntou quem havia quebrado a escultura, ela respondeu sem se alterar:

- Foi a Justina, papai, mas não lhe diga nada, coitada!" (113)

A mitomania apresentava-se em Magdá para dissipar a sua degradante vida fantástica. O transparecimento de episódios que refletiam sua mentalidade fantasiosa ainda abalavam Magdá perante o pai e a criada. Existia, na personagem sonhadora, o seu engajamento com a sociedade que a educara e modelara. Era a luta entre a mulher honesta da realidade *com a do* sonho.

"Não podia ser mais feliz do que era ao lado do seu fantástico amante jáhl mas bem caro pagava depois essa felicidade, quando, acordada, o seu orgulho de mulher honesta abria em luta contra as degradantes lubricidades do sono".

(114)

,A vida ilusória de Magdá ia aos poucos objetivand<sub>o</sub> se em termos de realização pessoal, enquanto a realidade tendenciava o desajuste mental da personagem. Nisto se resumia a duplicidade vivencial de Magdá, na medida em que realidade e irrealdade o o n f i n a v a m - s e para apresentar a filha do Conselhe\_iro acometida pela histeria, em grau avançado.

No sonho, Magdá prosseguia como personagem circular, complicada nos desejos interiores quando demonstrou a mlher-sujeito (era a dependência dela com relação ao amante fatástico) implicada na procriação e vivendo "humanament<sub>e</sub>" ao lado de Luís. Ele modificou-a através do sonho, revelando-a como

uma mulher realizada ao mesmo tempo que ela forneceu a Luís, na fantasia, a efetivação de uma vida fácil e descompromissada.

"Luís em breve já não era o mesmo selvagem, graças à mulher, que lhe dava lições de leitura, de escrita, de desenho e de música, o que ele aprendia tudo com talento verdadeiramente sobrenatural". (115)

A sua existência quimérica de notava os augúrios de uma vida feliz que, lamentavelmente, Magdá não conseguiu tornar efetiva. □ consciente e o inconsciente, na personagem, desconectavam-se a ponto de torná-la insensível aos ditames da fantasia ou da realidade. Era o desajuste mental que aniquilava a personagem, conduzindo-a para caminhos insignificantes ao inconsciente da personagem que se tornara incoerente com a consciência.

## 2.2 Abordagem psicológica de alguns episódios em O Homem, esclarecendo-o numa análise psicológico-literária.

□ motivo (qualquer um que seja conflitante do homem com seu ambiente interessa para o naturalista. Neste estudo, verifica-se que o homem no seu aspecto degradante, é enfocado. Trata-se da degradação mental presa aos ditames da Cferção social. A desordenação consciente-inconsciente encontra-se dissolvida por motivos psicológicos. A histeria, estabelecida em âmbito científico, denota preocupação fisiológica" em (D Homem, acentuando o aspecto do desejo, tomado como ponto de partida o impulso sexual.

"Jung teoriza que as neuroses são os resultados do fracasso da pessoa em confrontar e aceitar algum componente arquetípico do seu inconsciente". (116)

"Assim, a primeira grande premissa de Freud é que a maioria dos processos mentais do indivíduo é inconsciente. A segunda (...) é que todo o comportamento humano é fundamentalmente motivado pela sexualidade. Freud dá à força psíquica original o nome de libido ou energia sexual". (117)

Se para Freud a repressão dos instintos traz incidências de neurose cada vez maiores;, em Jung há os arquétipos que formam mitos, sempre presentes na psiqué inconsciente.

#### 2.2.1, O inconsciente não reprimido em Magdá.

Baseando-se na teoria Freudiana, tem-se três zonas psíquicas: o Id, o Ego e o Superego. O Id é inteiramente inconsciente e os outros dois, em parte são conscientes.

■ "Interessa-nos o Id (reservatório da libido) que é a fonte de todas as agressões e desejos. "E sem lei, associada e amoral. Sua função é a de satisfazer nossos instintos para o prazer sem consideração pelas leis sociais, éticas, legais ou restrições morais. Quando não reprimido, ele nos levaria a fazer qualquer coisa - à destruição e mesmo à autodestruição - pois o objetivo é satisfazer seus impulsos para o prazer. A segurança, própria e dos outros, não interessa ao Id; ele se interessa puramente pela satisfação instintiva, indiferente às conseqüências". (116)

Em O Homem, de Aluísio Azevedo, Magdá ao saber da

notícia de que Fernando era seu irmão, não aceitou a idéia de reprimir seus instintos com relação a Fernando, sob o ponto de vista consciente-inconsciente. A primeira manifestação ocorreu quando Magdá foi acometida por uma febre repentina, logo após ter recebido a notícia. Outra manifestação se dá com a morte de Fernando.

Foram episódios que marcaram a personagem, tornando-a desiludida. Não se casou nem esqueceu o seu primeiro amor. Mas foi o desejo, através do instinto sexual que se perpetuou, na consciência, sem ser reprimido. Eis porque Magdá transferiu a realidade impossível (no âmbito da consciência) para o sonho, na inconsciência possível. A coerção social se evidenciava até na vida fantástica que existia entre eles na Ilha do Segredo, através dos deveres morais de uma dama da sociedade.

O instinto sexual, não reprimido, deixava-se transparecer na oração ensinada por tia Camila, que Magdá rezava quando se fazia necessário.

"...amado do meu coração, espero-te esta noite no meu sonho, deitada de ventre para cima, com os peitos bem abertos, para que tu me penetres até ao fundo das minhas entranhas e me ilumines toda por dentro com a luz do teu divino espírito...." (119)

O espírito de religiosidade tomou lugar de destino que num período da vida de Magdá, no qual ela se agarrava, principalmente em Cristo. As leituras sobre santos, os cânticos de Salomão e os conflitos interiores denotavam os aspectos preparatórios do desajuste psicológico em Magdá, além do que, lhe assoberbavam a moral rigorosa com adições sociais.

□ Cristo, na cruz, desnudado, "punha no corpo um meigo quebranto de volúpia sobressaltada".

Os trabalhadores da pedreira, exibindo "músculos tesos" nos corpos semi-nus, traziam-lhe satisfações.

A proximidade do corpo do cavouqueiro, carregando-a desmaiada, dava-lhe uma sensação estranha de realização instintiva, num momento de inconsciência. Mas o que, na realidade inconsciente, não se realizara, eis que, 7.º sonho, se completou. (Ci20)

"E, de improviso, um violento sopro da vida a invade toda, esquentando - a por dentro, penetrando-lhe as vísceras, soprando-lhe nas veias um calor estranho, alheio, que a ressuscita e faz saltarem-lhe dos olhos lágrimas de gozo " . (121 }

Magdá estava resolvida a lutar contra o sonho, que era a libertação do inconsciente, mas eis que nem as orações conseguiam auxiliá-la. Cristo, da cruz, não parecia Ele, mas outro. Desceu do crucifixo, transformou-se no seu amante fantástico. De início Magdá gritou, desesperou-se, entretanto acabou cedendo ao instinto dominador.

"O Id, conforme Freud o define, é, em muitos aspectos, idêntico ao Diabo, conforme os teólogos definem". (122)

G Ego, evidencia-se como força reguladora que, de alguma forma, protege o indivíduo, aliado ao Superego, força da censura moral. Magdá foi dominada, aos poucos, pelo <sup>^</sup>i\_n consciente (Id) porque seu consciente (Ego) não atendia à perfeita normalidade, portanto não poderia reprimir o inconsciente. Era a doença nervosa que abalava suas estruturas <sup>^</sup>psicológicas. Era o instinto, não reprimido, suplantando o cons

ciente. Era a moral, alicerçada no medo e na coerção social, que desorganizava o processo mental de Magdá,

As comprovações do inconsciente agindo em Magdá eram inúmeras: a reação da personagem ao observar Luís e Rosinha abraçados, vai se repetir no final da narrativa; a estatuetta de mármore que Magdá atirou contra a janela, quebrando-a, pois denunciava amor ardente; o casal de rolas que ela matou por havê-los surpreendido "em flagrante delito de procriação". Eis as atitudes em que não existia a participação consciente da personagem e nem havia, nestas passagens, a repressão do Ego sobre o Id auxiliado, em doses proporcionais, pelo Superego. O Superego, excessivamente ativo, gerou a desconcertante atitude de Magdá com relação à estatuetta, e aos pássaros, finalizando com a morte de Luís e Rosinha planejada pelo inconsciente. O Superego tem a capacidade de agir para que o indivíduo se comporte como um anjo ou então ao contrário, como ocorreu com Magdá, resultante ativa de uma desconexão mental.

□ Id, instintivo, é, portanto, dominado pelo prazer; o Ego, pela realidade coerente, e o Superego baseia-se em princípios morais, no entanto nem todas as pessoas conseguem manter este equilíbrio psicológico.

Em O Homem, Magdá não alcançou controle dos processos mentais na normalidade ideal. □ Id suplantou a razão, tornando-a análoga, isto é, sem domínio moral nem consciência do princípio de realidade racional. Configura-se, assim, um exemplo de caso patológico de uma personagem apresentada em romaria literária, desvanecendo-se psicologicamente, iniciando pela desconexão parcial, passando pela histeria e culminando com o descontrole total da mente.



Trata-se da análise de um caso científico que o Maturismo, através de Aluísio Azevedo, fez transparecer na literatura, mostrando os caminhos pelos quais uma personagem acometida por patologia da mente passou, não esquecendo de focar o lado subjetivo da literariedade.

Magdá viveu de forma mais intensa, livre e feliz no seu mundo quando na realidade.

"... Arremessou por terra e de encontro às paredes, as jarras, o tinteiro, estufetas e faianças; atirando depois consigo mesma ao chão; estrebuchando, torcendo-se em arco, encostando a cabeça nos calcanhares, a espumar entredentes e a espumar-se como um hidrófobo. Em seguida começou a engatinhar, firmada nas mãos e nos joelhos, resbunando profundamente, com o pescoço estendido, a boca virada para o alto:

- Fernando; Fernando!" (123 )

#### 2.2.2. Alguns arquétipos em O Homem.

Jung desenvolveu a teoria da individuação, conforme o relacionamento com os arquétipos sombra, persona e ânima. É uma teoria que esclarece o processo da diferenciação de um indivíduo com relação aos outros. São descobertas do "eu" de cada pessoa e a sua aceitação como parte da própria natureza.

Os arquétipos "são componentes estruturais da psiqué" que fazem parte integrante do indivíduo ao nascer.

A sombra representa um aspecto inferior do eu inconsciente; é o lado obscuro que se deve suprimir.

A ânima deixa transparecer a "parte contra-sexual da psiqué do homem, é a imagem do sexo oposto". Trata-se

da mediadora entre o mundo consciente e o inconsciente (mundo íntimo).

A persona é a mediadora entre o consciente (eu racional) e o mundo exterior. Refere-se à nossa imagem exterior para o mundo.

Magdá, em Homem, possui um animus (imagem - anima) em Fernando. Descobriu que era seu irmão e, passa a encará-lo como sombra. A persona em Magdá existe no início, quando ela consegue harmonizá-la com os outros componentes da sua psique.

O instinto sexual em Magdá é sombra. O filho preocupando-se com Fernando é sombra. A incontrolável atitude destrutiva em Magdá é sombra.

A luta contra o sonho para perpetuar a moral aristocrática que existe em Magdá refere-se a sua preocupação com a sua imagem exterior: É a persona que sobrevive enquanto a consciência consegue dominar a inconsciência. No entanto a vida de sonho deixa aparecer a ânsima num relacionamento normal onde Magdá é feliz e o instinto sexual não é sombra. Há uma espécie de avesso na vida da personagem pois que a realidade parece-lhe sonho e este configura-se como uma vida objetiva.

Os três componentes estruturais da psique possuem em motivos e imagens que simbolizam um destes arquétipos.

As imagens, que corroboram para fortalecer a apresentação do instinto sexual em Magdá, dirigido pelo inconsciente e revelando a persona anormal quanto à energia psíquica, são apresentadas de maneira geral.

A cor vermelha, vem sempre relacionada com paixão violenta, instinto sexual, desordem.

"Terminaram caindo, ainda abraçados, aos pés do Conselheiro, que os esperava lá embaixo, vestido com uma túnica vermelha e agitando na mão, colericamente, a sua grossa bengala de c\_a nada índia". (124]

As flores, da árvore proibida, eram de cor avermelhada, cor-de-rosa, cor de laranja ou cor de sangue. Não se via nascerem nem caíam do pé: mudavam de coloração e reviviam. Magdá colheu uma destas flores, inconscientemente. Elas simbolizavam a realização de Magdá. Da mesma forma que Magdá modifica-se, revivendo ao tomar o sangue do seu amante fantástico, assim ocorria com esta planta que fazia reviver suas flores envelhecidas.

D rio que cercava a ilha transforma-se em mar. Magdá e Luis não poderiam sair mais da Ilha do Segredo. O símbolo do rio era, para Magdá, o renascimento, o mar significava o inconsciente de Magdá. Poder-se-ia esquematizar esta simbologia assim:

RIO = conquista da felicidade de Magdá no sonho.

MAR = a realidade inconsciente de Magdá-.

Sempre que Magdá reencontrava Luís, aparecia-lhe aquele hálito com perfume de murta. Pode, neste caso determinar a inspiração, o espírito ou a concepção. Os três símbolos apareceram em O Homem caracterizando Magdá em suas atitudes desconcertantes.

O sol, como energia criadora, estava presente na conclusão da criação. Era a vitória, era a sabedoria, era a lei da natureza.

"...e o Sol, vitorioso e potente, resplandescente na sua armadura de ouro, embrenha

va a terra na esplêndida fornicação da Luz". (125)

Os casos enfocados prendiam-se, quase sempre, ao instinto sexual em Magdá. O Sol, transmitindo a luminosidade e calor, era uma energia natural, eis porque intrigava o corpo com calor sensual.

A natureza equiparava-se aos fenômenos humanos, no gozo, na alegria, na força e na incomensurável luta pela conservação da energia. Aqui, a perpetuação da espécie vegetal era tão forte quanto a animal.

A tonalidade dos objetos denotavam sensualidade, principalmente na personagem Magdá, de O Homem, quando a cor denunciava o estado eufórico da paciente acometida pela doença nervosa. Do preto ao vermelho, Magdá vai denotando o seu estado de espírito momentâneo.

"Estava muito magra, muito pálida, com grandes olheiras cor de saudade; nem parecia a mesma". (126)

"... pôs um vestido cor-de-rosa, todo enfeitado de margaridas..." (127)

"... que deu para andar sempre vestida de luto, muito simples..." (128)

"... enquanto o velho, arrepanhando a sua túnica, da cor simpática às histéricas, se afastava para casa..." (129)

"... alguma coisa que a levava de rastros, puxada pelos cabelos, para a vermelha sensualidade dos seus delírios." (130)

A cor de saudade, o rosa, o preto, o vermelho aparecem envolvendo Magdá nos seus transe histéricos que refletem o seu instinto sexual nas suas reações inconscientes.

Portanto, a imagem dos arquétipos de Jung favoreceram para um maior esclarecimento da personalidade de Mag

dá, nesta narrativa.

2.3. A linguagem associando o homem ao animal, ambos pertencentes ao mundo natural.

A linguagem humana prende-se ao ambiente no qual há indivíduos que se comunicam utilizando vocabulário próprio.

A metáfora é empregada pelo escritor naturalista, maquinando uma simbologia comparativa do homem com o animal. Eis a razão de se adequar termos que se referem aos animais na textura ambiental humana, é a tentativa do naturalista em criticar, inferiorizando a criatura humana, ou uniformizando o reino animal dentro do cosmos. Há, por outro lado, um significado sociológico para o emprego da linguagem animalizante: apresentação do homem em luta com o mundo que o subjuga, que o explora, através de outros homens de ascendência superior.

O homem é um ser natural, resultante do meio social que o gerou; o animal é um ser natural, resultante de um meio ambiente propício que o desenvolveu. Num e noutro caso, há exemplos de seres naturais em que a razão os diferencia, para esclarecer um dos pontos de contato.

G. Homem, de Aluísio Azevedo, há o emprego da linguagem figurada para apresentar o homem ligado à natureza animal.

Os pássaros, as borboletas, os vegetais corroboram na sutil apresentação da natureza, mostrando o fenômeno vital dentro da mais perfeita normalidade.

As comparações, as metáforas e as prosopopéias apontam quase sempre, o homem ligado ao animal, na correspondência

factual das ações praticadas por um deles, ou por ambos.

Através dos vocábulos sente-se a proximidade ilusória do homem com o animal, denotando, no caso de Plagdá, as reações instintivas ostentadas pela linguagem figurativa.

” Em volta a natureza festejava aquelas núpcias com uma orquestra em surdina de beijos e arrulhos. Um crescendo ansiar de suspiros estalados ia-se formando lentamente. Até que de súbito, um geral espasmo se apoderou de toda a montanha, levantando-lhe pela raiz a cabeleira verde. En cre sp o u-s e lhe o dorso. As árvores, com as folhas arrepiadas, e s t o r c i a m - s e, atirando-se umas às outras e rangeji do os galhosj as flores pa Ip i t avam sob o doudejar das borboletas...” Il311 (o grifo é nosso)

□ s vegetais e animais assumem características semant\_i cas reversíveis. Eles são humanizados através da linguagem comparativa, participando ativamente no processo vital a semelhança dos humanos.

A prosopopéia “levantando-lhe pela raiz a cabeleira verde”, comprova que há uma preocupação de aliciar os fenômenos naturais não-humanos. A natureza é um todo fecundo que reage às especulações não-naturais. As folhas “arrepiadas”, “estorciam-se” e as “flores palpitavam” esclarecem outro caso de personificação na área semântica. Os vegetais assumem reações dos animais e, inclusive denunciam o gozo sensual, provocado pelo beijo de Magdá B Luís, na Ilha do Segredo. E a participação ativa da natureza de modo natural e instintivo.

Os termos metafóricos que, de alguma maneira, retratam a primitividade das atitudes humanas, reafirmam-se para esclarecer o engajamento da arte Naturalista com aspectos da vida humana e animal.

"E, uma vez deitados, começaram, com o rosto muito unidos, a chuchurrear a manga, e pino se mamasse ao mesmo tempo por uma só teta. Magdá sentia com isto uma volúpia indefinível;..." [132] [o grifo é nosso].

O, "chuchurrear" e a "teta" pode ser esclarecido desta maneira: animaliza o comportamento do homem numa situação em que a função alimentar é tomada mais como prazer, denotando gozo infantil do "mamar" quando Magdá relêmbra os momentos de lactação ou lhe desperta a libido.

"Aqui somos o macho e a fêmea: aqui somos iguais porque somos e seremos igualmente puros, castos e eternos" [133] (o grifo é nosso)

A procriação deixa-se estampar nestes dois vocábulos empregados metaforicamente. O macho e a fêmea são elementos fundamentais para a perpetuação da espécie mas, também refletem

■ a irracionalidade com que são apresentados: Macho porque tem características masculinas, como o animal. Também assume o significado de força varonil para aliar-se ao elemento feminino. Fêmea pelas qualidades especiais que possui à reprodução (a gravidez ou a prenhez), além de constituir o elemento feminino, tanto para o animal irracional quanto para o racional. A comparação, no entanto não é realizada com esta única finalidade. Há uma intenção de -mostrar a identidade de dois seres que se consideram puros, castos e, assim apresentados, crêem ser eternos na condição de macho e fêmea. É a natureza assumindo seu papel de pureza aliada ao da naturalidade espontânea e gratificante" de perpetuar a espécie: e a função dos dois elementos responsáveis pela procriação em "parrs" e "como... vegetais", O termo paí'l'r tem significação animaléscá visto que é empregado para de

fluir o "nascer" no reino animal dos irracionais. Os vegetais desabroçam ou desabrocham, termos essenciais a Irpe n t e utilizados para "o brotar" ou "abrir a flor". No entanto, a comparação foi realizada com o intuito de esclarecer o nascimento de um ser h\_u\_mano .

A integração do homem com a natureza, formando um todo, denota, nestes exemplos que esclarecem a linguagem figurativa em O Homem de Aluísio Azevedo, a comunicação que se faz possível entre animais e vegetais.

A preocupação científicista do escritor, influenciada pelas teorias deterministas e pela medicina experimental, deixa-se transparecer, através de Magdá, no instinto sexual, reprodutivo e finalmente maternal. É a predestinação da "fêmea" em perpetuar a espécie. Magdá, na realidade, foi tolhida de realizar-se como mulher.



NOTAS E REFERENCIAS BIBLIO GRAFICAS

- 91 - FRYE, Northrop - Anatomia Crítica. São Paulo. Editora Cul-  
trix, 1973. p. 139.
- 92 - AZEVEDO, Aluísio - O Homem. São Paulo. Livraria Martins &  
ditora. 1970. (epígrafe).
- 93 - GUERIN, Wilfred - Abordagens, críticas à literatura. Rio  
de Janeiro. Editora Lidador Ltda. 1972. p. 63.
- 94 - BRAYNER, Sônia - A metáfora do corpo no romance naturalista.  
Rio de Janeiro. Livraria São José. 1973. p. 92.
- A
- 95 - idem 91. p. 29.
- 96 - idem. p. 44.
- 97 - idem. p. 46.
- 98 - idem. p. 47.
- 99 - idem, p; 47.
- 100 - idem, p. 48.
- 1 0.1 - i d e m . p . 4 9 , .
- 102 - idem. p. 51-52.
- 103 - idem. p. 54.
- 104 - idem. p. 55.
- 105 - idem. p. 57.
- 106 - idem. p. 62.
- 107 - idem, p. 71.
- 108 - idem. p. 81.
- V

109 - idem, p. 95.

110 - idem. p. 123.

111 - idem. p. 149.

112 - idem, p. 159- 161 .

113 - idem. p. 163.

114 - idem. p. 164.

115 - idem. p. 177

116 - idem. 93. p. 104.

119 - idem. p. 65.

120 - idem. p. 65-67.

121 - idem 92. p. 70.

122 - idem 93. p. 78; "Ademais, a própria natureza da sua fantasia do ermo justifica a teoria de Freud de que nossos desejos reprimidos se expressam em nossos sonhos e que os sonhos são as formas simbólicas da realização de desejo."

123 - idem 92. p. 93.

124 - idem 93. p. 67.

125 - idem 92. p. 221.

126 - idem. p. 99.

127 - idem. p. 123.

128 - idem, p. 29.

129 - idem p. 50.

130 = idem. p. 70.

131 idem. p. 104.

132 - idem. p. 185, .

133 - idem. p. 122 .

## CONCLUSÃO

### CONCLUSÃO

O exame do romance O Homem de Aluísio Azevedo que serviu de modelo para uma análise psicológico-interpretativa da personagem Magdá, acometida pela histeria - desequilíbrio psíquico - dá margem a algumas considerações de carácter conclusivo sobre a presença do Naturalismo e de sua desessão do patológico na cultura brasileira, além de fornecer matéria científica sobre a histeria progressiva.

O Homem é um livro de carácter experimental. Aluísio Azevedo realiza, nesta obra, aquilo que Émile Zola experimentou, com primazia, na literatura francesa, atendo-se aos moldes científicos do século XIX. Há, neste romance de Aluísio, conceitos claros do que seja Naturalismo, sempre exibindo as normas científicas desta Escola. É o Positivismo. É o Determinismo. É a Medicina Experimental. Somam-se cocientes de grande vulto na caracterização dos fenômenos sociais preceituosos.

"- Em luta? Como assim, doutor?

"- Ora! A luta da matéria que impõe e da vontade que resiste; a luta que se trava sempre que o corpo reclama com direito a satisfação de qualquer necessidade, e a razão opõe-se a isso, porque não quer ir ao encontro a certos preceitos sociais. É estupidez humana.' Imagine que você tem uma fome de três dias e que, para comer, só dispõe de uma meia-roubar! - Que faria neste caso?

- Não sei, mas com certeza não roubava...

- Então - morria de fome... Todavia um homem, de moral mais fácil que a sua não morreria, porque roubava... Compreende? - Pois aí tema!"

Cin O Homem p. 60)

A penetração da análise, efetivou, além da conceituação sobre Naturalismo, que transparece no decorrer do romance, a intenção de Aluísio em mostrar uma obra de arte baseada na ciência e na filosofia.

Aluísio foi um caricaturista, em São Luís, e ostenta este dom artístico na individualização dos seus personagens, nos romances. Nota-se que o detalhe, principalmente no que se refere às características naturais, é observado, medido e dosado, tendo em vista seus objetivos artísticos.

Nada mais ressarciativo que a observação val orativa, desta obra - melindrada pela crítica - nos aspectos normativos à Escola a que se prendeu. Aluísio apresentou romances de valor\_ação questionável, no entanto, este, em especial, não pode ser deixado ao esquecimento.

Os pressupostos filosófico-científicos indicam a preocupação em destacar O Homem como exemplo de romance experimental, no Brasil. Não se chegou a um término na abordagem ideal do livro em questão: há muito que desvendar; existem infinitas particularidades, não esclarecidas, no "mundo insondável" de riagdá e no ambiente que a cerca.

Zola, Flaubert e Eça, estão presentes em Aluísio Azevedo. O primeiro, no romance experi-mental O Homem, que alardeou, como na França, a mentalidade protetora da moral obsecante. Flaubert, no seu precioso linguajar, auxilia Aluísio nas detalhadas descrições das realidades interiores - é a sua "series'de objetiva". E, o último, Eça de Queirós, caricaturista de tipos inesquecíveis, influencia Aluísio Azevedo na particularização de Magdá, Dr. Lobão, o Conselheiro e Justina, O tom polido.

criticando algum aspecto social, lembra de O Primo Basílio.

O romance, em si, pouca atração pode causar ao leitor cẽm, visto que ele deve vir imbuído de conhecimento que caracterizam o Naturalismo, para sutir efeito valorativo sobre a obra e para o leitor.

A personagem Magdá, caracterizada num crescendo, como desequilibrada psíquica, desumaniza-se a medida que aprofunda-se na doença de histeria. AS teorias de Charcot sobre a histeria feminina foram trabalhadas por Aluísio, em O Homem, de um modo meticoloso. Os termos científicos e as crises progressivas da doença podem, perfeitamente, diagnosticar a histeria, sob a visão atual (em grande parte).

Freud e Jung, auxiliaram a análise psicológica de Magdá, como personagem desequilibrada. Conclui-se que, para Freud Magdá é histérica, tendo em vista os sucessivos conflitos e dramas interiores pelos quais passava. Para Jung, os arquétipos de cada indivíduo já estão formados quando a pessoa nasce. Não se trata de hereditariedade mas do "inconsciente primevo ou coletivo." As predisposições podem existir em qualquer indivíduo normal, mas se a "persona" não estiver dosando adequadamente o "eu" social e o "eu" individual, poderá desencadear em perturbações da consciência.

Magdá, no sonho é a mulher perfeita, para os objetivos da reprodução. Os vocábulos utilizados por Aluísio - "macho, fêmea, carícia de gado grosso, tãureo pescoço, Magdá = leoa, rosnar, ventas, o passarinhar pela casa, uivos, rugidos, farejando" - tem sempre relação com o instinto sexual ou com a animalização do homem,

As classes sociais diferenciam-se em Magdá, filha do Conselheiro, e Luís, o cavouqueiro. Na realidade, a descrição fisionômica dos dois, se faz por: rosto (Magdá) e cara (Luís]. No sonho, onde os preconceitos sociais não existiam, Magdá e Luís formam uma identidade: a união para a perpetuação da espécie, sem outros fins "mesquinhos."

Há, concluindo, em O Homem, uma predisposição crítica, aos dramas sociais geradores de problemas psicológicos e biológicos; existe não resta dúvida, a preocupação do artista pela ciência, uma completando a outra, no sentido estético e racional.

Eis porque se considera O Homem de Aluísio Azevedo uma obra de grande importância: há fatos verídicos, há retratações da vida anormal de uma mulher presente a moral futura através de seus sonhos letárgicos, há análise científica de uma anormalidade, há, também uma estruturação narrativa simples com uma temática empolgante pelos conflitos individuais entre a moral e a psíqué, entre o social e o familiar, entre o real e o fictício. A ciência transpira por todos os pontos em que se nota a preocupação do autor para focalizar com exatidão os pormenores sintomáticos da histeria em Magdá.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aluísio - Uma lágrima de mulher - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1966. 183 pp.
- \_\_\_\_\_ - O Mulato - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1973. 298 pp.
- \_\_\_\_\_ - Casa de Pensão - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1973. 296 pp.
- \_\_\_\_\_ - O Homem - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1970. 221 pp.
- \_\_\_\_\_ - O Coruja - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1973. 353 pp.
- \_\_\_\_\_ - O Cortiço - São Paulo, Liv. Martins Editora. 1954. pp.,
- \_\_\_\_\_ - A mortalha de Alzira - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1961, 253 pp.
- \_\_\_\_\_ - Livro de uma Sogra - São Paulo. Liv. Martins Editora. 1973. 214 pp.
- AZEVEDO, Fernando de - A cultura Brasileira - São Paulo. Ed. Melhoramentos. 1958. 3a. ed. Tomo I. 228 pp.
- AUEBACH, Erich - Mimesis - São Paulo. Ed. Perspectiva. 1971. 496 pp.
- BARTFIES, Roland, e outros - Análise estrutural da Narrativa - Petrópolis. Ed. Vozes Ltda. 1971. 285 pp.
- EONET, Carmelo M. - A técnica literária e seus problemas - São Paulo. Ed. Mestre Jou. 1970. 333 pp.
- BRAYNER, Sonia - A metáfora do corpo no romance naturalista - Rio de Janeiro. Liv. São José. 1973. 123 pp.
- BRENNER, Charles - Nemofalologia y Psiquiatria - Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1969. p. 255-262.

- CÂNDIDO, Antônio e outros - A personagem de ficção - São Paulo, Ed. Perspectiva. 19-68. 119 pp.
- 
- Literatura e Sociedade - São Paulo, Cia. Editora Nacional. 1967. 2a. ed. 220 pp.
- CARPEAUX, Otto Maria - História da Literatura Ocidental - Rio de Janeiro. Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A. 1963. V v. 2111 a 2447 pp.
- CASTAGNING, Raul H. - Análise literária - São Paulo, Ed. Mestre Jou. 354 pp.
- CAVALCANTI, Carlos - História das Artes - Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1970. II v. 357 pp,
- CHISHQM, Roderick M, - Teoria do Conhecimento, Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1969. 148 pp.
- COUTINHO, Carlos Nelson - Literatura e Humanismo. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1967, 258 pp.
- COUTINHO, Afrânio - A literatura no Brasil - Rio de Janeiro. Editorial Sul Americano S.A. 1963. III v. 2a. ed, 297 pp,
- DAICHES, David - Posições da Crítica em face da literatura - Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica. 1987. 388 pp .
- DERRIDA, Jacques - Gramatologia - São Paulo. Ed. Perspectiva. 1973. 385 pp.
- DOBZHANSKY, TH. - Herança, raça e Sociedade - São Paulo. Liv. Pioneira Editora. 1962. 169 pp.
- DURANT, Will - História da filosofia - São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1956. 237 pp.
- ECO, Umberto - Obra aberta - São Paulo. Ed. Perspectiva. 1971. 2a. ed. 285 pp.
- FOLLIET, Joseph - O povo e a Cultura - Rio de Janeiro. Cia. Ed. Forense. 1965. 214 pp.

- FOSTER, E. n. - Aspectos do romance - Porto Alegre. Ed. Globo. 1969. 135 pp.
- FOUCAULT, LinA, MENDONÇA, PINTO, GUERREIRO - Estrutura lismo e Teoria da linguagem - Petrópolis. ED. Vozes Ltda. 1971. 239 pp.
- FRYE, Northrop - Anatomia da Crítica. - São Paulo. Editora Cultrix, 1973. 362 pp.
- GUERIN, Wilfred e outros - Abordagens críticas à literatura - Rio de Janeiro. Ed. Lidoador Ltda. 1966. 176 pp.
- HAEKEL, Ernesto - Maravilhas da vida - Porto. Portugal. Lello e Irmão - Editores. 445 pp.
- JOSEPHSON, Nathew - Zola e seu tempo - São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1958. 2a. ed. 533 pp.
- KAISER, Wolfgang - Análise e interpretação da obra literária - Coimbra. Armênio Amado Editor. 1970. 5a. ed. I e II v. 411 e 416 pp.
- LEITE, Dante Moreira - Psicologia e Literatura - São Paulo. Cia. Ed. Nacional. 1966. 2a. ed. 256 pp.
- LIMA, Leonardo Pereira - Dicionário de Psicologia Prática - São Paulo. Flonor Editorial Ltda, 1970. II v. 543 pp.
- MACHEREY, Pierre Para uma Teoria da produção literária - Lisboa Editorial Estampa. 1971. 236 pp.
- MENEGHINI, L. C. - Freud e a literatura - Porto Alegre. Editora do 21 RGS. 1972. 130 pp.
- MOISÉS, Massaud - A criação literária - São Paulo. Ed. Melhoramentos. 332 pp.
- NOOG, Vianna - Éça de Queiroz e o século XIX - Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira S.A. 1966. 328 pp.
- MOROZOV, G. & ROMASENKO - Neurosis, Reacciones y Resarrollos Psíquicos Anormales - Rio de Janeiro. Editorial Científico-Médica. 1967. p. 387-399.

- nUIR, Edwin - A Estrutura do Romance - Porto Alegre. Ed. Globe.  
89 pp.
- PEACOCK, Ronald - Formas da literatura dramática - Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1968. 228 pp.
- PEREIRA, Lúcia Miguel - História da literatura - Rio de Janeiro. Liv. José Olympio Ed. 1973, 3a. ed. 344 pp.
- PORTELLA, Eduardo - Literatura e Realidade Nacional - Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro Ltda. 1963. 108 pp.
- POUND, Ezra - ABC da literatura - São Paulo. Ed. Cultrix, 1970. 218 pp.
- RAMOS, Maria Luiza - Fenomenologia da obra literária - Rio de Janeiro. Cia. Editora Forense. 1969. 198 pp.
- RICHARDS, I. A. - Princípios de crítica literária - Porto Alegre, Ed. Globo. 1967. 249 pp.
- RIEDEL, Dirce Cortes e outros - Teoria da literatura. (in Revista de Cultura - Vozes] - Petrópolis, Vozes. Jan. 1973. número 2.
- ROSA, Alberto Machado da - Eça Discípulo de Machado? - Lisboa. Editorial Presença. 1964. 405 pp.
- RUSSELL, Bertrand - A perspectiva Científica - São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1956. 245 pp.
- \_\_\_\_\_ - Ensaio impopulares - São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1957. 218 pp.
- \_\_\_\_\_ - História da filosofia Ocidental - São Paulo Cia. Editora Nacional, 1957. I, II, III v. 412, 406, 420 pp.
- SALES, Herberto - Para conhecer melhor Aluísio Azevedo - Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1973. 136 pp.
- SALOMON, Délcio Vieira - Como fazer uma monografia - Belo Horizonte. Interlivros. 1972. 2a. ed. 291 pp.

- SANT'ANA, Affonso Romano de - Análise estrutural de romances brasileiros. - Petrópolis. Ed. Vozes. 1973. 2 ; i 2 pp.
- \_\_\_\_\_ - Literatura-Placaná 1 ise (in 2a. conferência, II encontro nacional de Professores de literatura' CCE/PUC - RJ) - Rio de Janeiro., P.U.C. Julho/agosto 1975. 57 pp.
- SILVA, Rianuel de Aguiar e - Teoria da literatura - Coimbra. Livraria Almedina. 1969. 2a. ed. 701 pp.
- SIMÕES, João Gaspar - Literatura, literatura, literatura... - Lisboa. Portugalla Editora. 1964. 393 pp.
- SLATER & ROTH, Hayer, Gross - Psiquiatria clínica - São Paulo. Ed. Mestre Jou. 1972. 1a. ed. fem português) Tomo I. 511 pp.
- SODRE, Nelson Werneck - História da Literatura brasileira - Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1964. 596 pp.
- \_\_\_\_\_ - O Naturalismo no Brasil - Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira. 1965. 248 pp.
- OGDEN & RICHARDS - O Significado de Significado - Rio de Janeiro, ZaharEditores. 1972. 349 pp,
- ORTIGÃO S QUEIROZ - As Farpas - Rio de Janeiro. Edições Dois Mundos Editora Ltda. I e II v. 302 e 304 pp.
- TAVARES, Enid - Teoria literária - Belo Horizonte. Ed. Bernardo Alvares S.A. 1969. 4a. ed. 544 pp.
- TAYLOR, Richard - Curso Moderno de filosofia - Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1969. 141 pp.
- THOMAS, Henry - Vidas de Grandes romancistas - Porto Alegre. Ed. Globo. 1974. 4a. ed. 244 pp.
- TINHORA0, José Ramos - A província e o naturalismo - Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1966. 107 pp.
- ZOLA, Emílio - A besta humana - São Paulo. Cia. Brasil Editora. 1955. 313 pp.

ZOLA, Emilio - A terra - São Paulo. Cia. Brasil Editora. 1955  
I e II v. 328 e 326 pp.'

\_\_\_\_\_ - O Sonho - São Paulo. Gráfica e Editora Edigraf  
Ltda, 207 pp.